O Malho
ANNO XXXIV
NUMERO 91
28 - Fev. - 1935
Preço 1$200
Walter Maya

# Uma nova constellação

DESDE o começo do mundo, um grupo de planetas esperava, na insondavel immensidade azul, a visita de um olhar humano. O logar, que o Creador lhes destinou no circulo das remotas constellações, tinha-os escondido até aqui, á curiosidade dos sabios. Os astronomos do Observatorio de Uccle (Belgica), acabam de revelar a presença dellas, fazendo-as surgir do anonymato...

Uma dessas constellações, a mais brilhante, sem duvida, recebeu, em seu baptismo, o nome de **Albertina.** E por que esse nome tão bonito? Simplesmente para recordar, nas alturas, o Rei dos Belgas, Alberto 1º, que elevou tão alto o nome da sua terra heroica.

# O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34-C. Postal 880

Telephones: 23-4422 e 22-8073 — Rio

Preços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200


## O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

### AMAE-VOS UNS AOS OUTROS

Chronica de Henriquetta Lisbôa. Illustração de Cortez.

### TERIAM OS NOSSOS INDIOS VINDO DA GRECIA DOS TEMPOS HERVICOS?

Chronica de Carlos Maul. Illustração de Cicero.

### CARTA A SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Poesia de Oliveira e Silva. Illustração de Fragusto.

### DICCIONARIO DE EMERGENCIA

Por Berilo Neves. Illustração de Thêo.

### SÓ A CHICOTE

Conto de Nair Soares. Illustração de Aloysio.

### CINZAS

Chronica de Assis Memoria.

### ACREDITEM OU NÃO...

Texto e illustração de Storni.

### SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino—De Cinema —Carta enigmatica -- O Mundo em Revista — Broadcasting em revista — Nem todos sabem que... — etc.

# Caixa d'O Malho

WALBELLES NEVES DA FONSECA (Rio) — Diz V. que é a segunda vez que manda collaboração a esta revista.

Da primeira, foi mal succedido. Mas desta, agora, tem fé que ha de ser feliz. Você pensa, então, que isso é como "jogo do bicho", não? Um dia chegará em que V. hade accertar. Vejamos se é mesmo desta vez. Hum! Está-me parecendo que, ainda agora, o seu palpite sahiu errado. Na peosia Rio", V. se sahe com esta:

*"Para ti*, não ha
Quem não *fassa*
Um *delyrante* verso".

Só não estranhei que V. *delirasse* com *y*, porque V. principiou com *paraty*.

— Difficil passar com esse contrabando literario, agora que a policia prohibiu a venda de alcool, depois das 7 horas da noite.

No segundo trabalho que enviou. — "As quatro namoradas", eu leio: "Por que tu não cantastes, a Maria E tambem a seductora Guiomar?"

Este trechozinho de ouro:

"Meu coração saudoso pozse a chorar, tanto chorou, que até adormeceu".

Donde eu concluo que elle só não cantou a Maria e a seductora Guiomar, porque estava cantando a "Canninha Verde". E que o seu coração saudoso chorou tanto e ferrou no somno é porque se embriagou com a melodia da "Canninha Verde" e com o *paraty* da poesia "Rio".

Palpite errado. Bilhete branco, meu caro Sr. Walbelles.

MARCUS VINICIUS (Floriano) — Salve Romano da beira do Parnahyba. Seus dois sonetos humoristicos estão esplendidos. "Ao luar", aproveitavel. "Pantheismo" tem muito logar commum mofento. Eu embrulhei o "Pantheimo" e mandei-o para a cesta. Em compensação, darse-á o maior relevo que se puder aos dois sonetos humoristicos.

ATAHYDE MARTINS (Rio) — Recebi o seu livro. Obrigado. Farei um pequeno registo.

PAULO POMPEU (Campinas) — Seu trabalho, bom. Sahirá. O do seu collega precisa de um pouco de azeite nos periodos. Naquelle estylo, as prhases devem ser curtas e macias.

NELSON PINTO (Recife) — Não agradeça. Seu conto teve boa illustração porque, com certeza, mereceu. Quanto ao que remetteu, é uma boa satyra. Vamos ver o que lhe arranja o Secretario.

MIGNON (São Paulo) — As syllabas de "Conheces tu o paiz" estão contadas com exactidão. Mas o rhythmo foi quebrado em muitos versos. Para sua orientação, indico alguns: o primeiro das quadras primeira, terceira e quarta; o segundo e o quarto desta ultima; o primeiro da quinta, etc. Appelle para o seu ouvido ou para um tratado de metrificação. Obrigado por todas as suas attenções. Quanto ao verso de "Inattingivel" a que faz referencia na sua ultima carta, a grammatica ahi não soffreu coisa nenhuma. *Ao coração* é objecto indirecto de *repugna*. "E assusta" é outra oração. A expressão que cita, de Julio Ribeiro, não é a mesma coisa. O *lhe* ahi é uma redundancia, propria á nossa lingua, um desses idiotismos que dão força e sabor ao idioma.

JULIO V. (Rio) — De estylo e forma, vae bem. O que lhe falta, é mais precisão ao fixar as emoções. As suas personagens são demasiadamente exaltadas. Isso deve ser reflexo do seu proprio temperamento. Basta que V. *controle* um pouco os seus typos, dando-lhes apparencias mais normal, para que seus contos mereçam o qualificativo de bons. Póde tentar o genero, sem receio.

CARLOS GARCIA (Aracajú) — De facto, nada tem a agradecer. Não lhe fiz nenhum favor. Seu trabalho sahiu com boa illustração porque a mereceu. Se não prestasse, teria ido para a cesta. Os dois que enviou, agora, estão bons. Póde seguir por esse caminho que vae direito. Obrigado pelo seu offerecimento. Se algum dia, eu tiver de passar por ahi, hei de ir pregar-lhe um susto.

HERMAGORAS (Campinas) — Dou-lhe parabens. Seu conto está bom e será publicado.

DR. CABUHY PITANGA NETO



## CANÇÃO DO CÉGO

O Sr. Pedro Bacellar, viajante da Alliança dos Cegos e fundador da Escola dos "Cegos de Pindamonhangaba", teve a gentileza de offertar-nos a valsacanção denominada "Canção do Cego", musica do maestro Issolar Resnick e versos da poetisa Dolores Barreto Coelho.

### AS CONTAS DO MEU TERÇO

No turbilhão das dores que em mim chóram,
Do amôr, do tedio e a vida que aborreço,
Vou desfiando amarguradamente
As contas do meu terço.

Na vólta de uma estrada, em que me quédo,
Do tempo, que se escôa, até me esqueço . . .
Vem lógo, redobrada, a triste mágua
Das contas do meu terço.

Si acaso, em fórmas bellas de uma Venus,
Eu sinto que amoroso me embeveço,
A essencia desse sonho me apparece
Nas contas do meu terço.

Por fim, se a gloria ephêmera me embala
E em seus cantados braços me enterneço,
O rythmo da vida me escrucia
Nas contas do meu terço.

NELSON MOTTA MELLO

### SAUDADE BARBARA

Eu bem me lembro, meu irmão querido,
Do momento fatal do teu traspasse:
A dôr de nos deixar cerrou-te a face,
Chorou minh'alma o pranto mais sentido.

Fiz por que no meu rosto se estampasse
De calma o sentimento mais fingido,
Pois tinha o coração tambem ferido
Pela dôr que julguei não supportasse . . .

Mas depois comprehendi, meu santo irmão:
Sentir saudade de quem morre é um êrro,
E' ter dó de quem sahe de uma prisão . . .

E' como se ficar chorando alguem
Cuja alma redimiu-se no desterro
Onde esperamos redempção tambem . . .

JOÃO ROSSI

# Nem todos sabem que...

EM Abril fará 100 annos que o doutor Hahnemann, o fundador da Homœopathia, se installava em Paris. Elle era, então octogenario. Pouco se sabe de sua mocidade. Sua familia vivia folgada. Elle recebeu educação esmerada. Desde os 13 annos, porém, começou a ganhar a vida como empregado numa venda... Não supportando essa vida, voltou á casa e, graças á sua mãe, pôde continuar seus estudos. Entrou para a escola de Saint-Afra. Aos 16 annos, proseguiu seu curso em Leipzig (Allemanha), onde, vivendo de lições, frequentou todas as faculdades. Deixou Leipzig por Vienna, que possuia o melhor hospital na Europa. Sua vocação medica declarou-se no Hospital dos Irmãos da Misericordia. Em 1779, defendeu these e installou-se em Hettstedt (Saxe). Casou-se em Dessau, em 1782. Conheceu Lavoisier em Dresde, em 1785, e, por intermedio do sabio francez, entregou-se todo á chimica. Em 1810, publicou-se o seu "Organon", a biblia da Homœopathia. Indignava-se contra o charlatanismo. Certa vez, voltando-se para seus clientes, reunidos em seu consultorio, disse: "Vão-se embora, não desejo exploral-os!". O tumulo de Hahnemann acha-se no cemiterio de Montmartre, (Paris) onde elle morreu, em 1843, aos 88 annos.

✣ ✣ ✣

UM homem de côr americano, John Horton, que foi tido pelo "maior gastronomo do mundo", acaba de fallecer em Arkansas. Mas não em consequencia de congestão. Devido a uma causa fortuita. Só esteve doente uma vez. E padeceu bastante. Forçaram-no a comer duas colheradas de cimento dissolvido em agua!... Teve que ficar doente. Era natural. Salvou-o da morte um purgativo. O apperitivo preferido de John consistia em devorar uma duzia de limões com casca e tudo. Vinha-lhe dahi uma fome terrivel, que lhe permittia liquidar á tôa dez "patés" de carne, dez duzias de ovos, uma caixa de maçãs e quarenta libras de melão. Além disso, beber duas caixas d' agua de seltz de 48 garrafas cada uma. A maior das apostas ganhas por elle valeu-lhe 25.000 francos, por ter comido duas duzias de ovos com as cascas!

✣ ✣ ✣

A 1ª exposição de productos da industria franceza teve logar cm 1798 organizada por François de Neufchâteau, no Champs de Mars (Paris). O numero de expositores elevou-se a 110, todos de origem franceza. A exposição de 1867 reuniu 42.237 expositores internacionaes. A area occupada abrangeu 642.520 metros quadrados. Para o brilho deste certamen concorreu o Imperador Napoleão III. Os pavilhões que mais chamaram a attenção, por sua originalidade, estavam installados no "Bairro inglez e oriental". Citavam-se: o palacio do bey de Tunis, a Tenda de viagem do emir Al-Mumeynin, as cavallariças egypcias; o theatro e o café chinez, o templo pharaonico, onde se admiravam as antiguidades descobertas por Mariette, o caravanseralho do Cairo, o café arabe, onde se saboreava delicioso moka, fumando um longo **chibuco**, o **salamlick**, palacio do vice-rei do Egypto, kiosques turcos, mesquitas, capellas rumenas, templos mexicanos, etc.

O que se chama "fogo feniano". E' uma dissolução de phosphoro em sulfureto de carbono, o que dá um composto excessivamente inflammavel. Quanto á origem de seu nome, nol-a dá o celebre physico Luiz Figuier: "Deram á tal combinação o nome de **feniano** porque em 1867, em Londres, descobriram enorme quantidade desse liquido, que supponho ter sido preparado pelos **Fenianos** da Irlanda, no proposito de aproveitar, nas competições bellicas, tão perigoso agente de incendios.

## NUVENS DE POEIRA

Ha dois mezes, mais ou menos, que o Carnaval está em todas as almas e em todas as casas.

O radio, que é o maior propagandista das suas canções, vem repetindo, todos os dias, os sambas e as marchas que treinaram os ouvidos e os nervos dos cariocas para a grande folia.

E esta chegou, finalmente.

Dentro em pouco, algumas horas mais, apenas, e eis o apogeu de Momo no dominio absoluto triduo final.

Depois — o eterno "depois" da vida — voltaremos ao ramerrão de sempre.

O radio, que é o maior propagandista das canções do Carnaval, será o primeiro a esquecel-as, nessa reacção infallivel que a demasia provoca.

"Morena, eu te dou grão dez!"
"Você me pareceu sincera!"
"Gosto de você no duro, yáyá!"

Como estas phases, dentro em breve, parecerão inexpressivas, idiotas mesmo admirando-se o cidadão de havel-as cantado com tanto gosto!

Para as musicas carnavalescas, o Carnaval, propriamente dito, é uma impiedosa cadeira electrica...

Delle sahem electrocutadas as melodias faceis que, como uma nuvem de poeira, subiam ao céo da preferencia collectiva e logo cahiram ao chão, por falta de consistencia...

O symbolo, ao que parece, não está mal achado...

Entre as canções do Carnaval carioca e as nuvens de poeira, ha, com raras excepções, uma analogia absoluta...

## O ALMOÇO AO CASÉ

A dissolução do "Programma Casé" é um facto que todos lamentam, quer os ouvintes, quer os elementos do ambiente radiophonico.

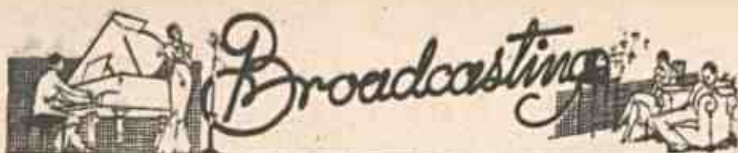
Organisação impar no genero, o seu prestigio sempre foi intenso, rivalisando com as estações mais poderosas.

No "Programma Casé" se fizeram ou por elle passaram as figuras mais altas do "broadcasting" carioca.

Assim, tudo justificava a homenagem que se prestou ao seu organisador, o honesto e operoso Adhemar Casé, no momento em que extingue o seu programma.

Essa homenagem, constante de um almoço no "Restaurante Trianon", realisou-se quinta-feira ultima, com a presença de innumeros amigos e admiradores do homenageado.

Ao microphone, isto é, ao dessert, falaram varios oradores, inclusive Adhemar Casé, que agradeceu a homenagem.

Foi, sem duvida, uma festa cordial e merecida, essa que se fez quinta-feira ultima.

Ao chronista de radio de "O Malho". — Já que Sr. tem uma secção que dá agasalho a tudo quanto os ouvintes escrevem, quero servir-me della para protestar contra o abuso das estações de radio, nesta epoca de antes do Carnaval, só irradiando, dia e noite, composições carnavalescas. E' um absurdo, Sr. chronista! Depois de uma temporada destas, o ouvinte precisa ir a Poços de Caldas ou Caxambú, para uma estação de aguas que lhe tonifique os nervos abalados por tanta tolice. Não haverá um meio de endireitar essa cousa de tanto Carnaval? Aos Srs., que são da imprensa, é que compete combater o mal referido. Proteste, Sr. Redactor! E conte com a solidariedade de todos os que gostam do radio e o desejam ver sempre em constante progresso. — **Antonio Rocha Azevedo.**

Illmo Sr. Redactor. — Saudações cordiaes. — Devoto fervoroso que sou, do progresso do nosso "broadcasting", não me era possivel deixar de dar minha modesta, porém sincera opinião, sobre a actual situação do nosso radio.

Sou de opinião que se deve fazer emquanto antes, uma seleção dos nossos melhores cantores e cantoras, afim de que o radio não seja d'ora avante, um suplicio para o ouvinte; pois ha cada uma cantora que occupa nosso microphone, que, com franqueza, é preciso ter coragem...

Caso houvesse esta selecção, acho que só deviam ser salvas as Mirandas, e a pedido do Cezar Ladeira, a "pequena dos foxes alucinantes"; porque o resto talvez nem tenham voz para ninar creanças.

Quanto aos cantores, a maioria devia ir procurar outra occupação, apezar de todos "prometerem", a começar pela "revelação" que é o "Sinhoire Manueli Monteiro". Caso seja bem recebido, prometto-lhe, assim que esta seja publicada, voltar ao assumpto.

**Jurandy D.**

## APRECIANDO...

O Sales Filho retira do seu programma o Hymno Nacional.

E cavalheiros sizudos:

— Falta de patriotismo, desprezar o "symbolo acustico da nossa Patria" Que falta de patriotismo!

E phrases, já velhuscas, surgem flammantes. Peço a palavra e discordo:

— Não ha impatriotismo nenhum. O Salles Filho reconheceu o "valor" do programma Fala-Sózinho e não quiz começar uma piada com o Hymno Nacional.

E só.

—:—

A PRD5 continúa irradiando por conta-gottas.

E é penna.

—:—

O Barbosa Junior cada vez mais apalhaçado.

—:—

O speaker da Radio Guanabara, irritante nos "erres" nada além de imitação.

—:—

E o conferencista sorridente:

— "A finalidade educativa do Radio já é uma realidade. O Radio actual educa e diverte o povo".

Disso eu não sabia.

**I. G. R.**

## SYNDICATO BRASILEIRO DOS ARTISTAS DE RADIO

Realizou-se, em meiado do mez expirante, a eleição da primeira directoria do S. B. A. R., isto é, do "Syndicato Brasileiro dos Artistas de Radio" recentemente fundado.

A chapa victoriosa, organisada e suffragada sem opposição, foi a seguinte: presidente, Renato Murce; secretario, Erasthostenes Frazão; thesoureiro, Ignacio Guimarães; conselho fiscal, Orestes Barbosa, Ary Barroso e Carlos Braga João de Barro).

E' de esperar, agora, que a classe numerosa e desunida do nosso radio aproveite o que já está feito e marche para o futuro com harmonia e cohesão.

Assim o desejamos.

## O QUE VAE PELOS STUDIOS

— Ao que ouvimos dizer, as negociações para a volta de Francisco Alves ao elenco da "Mayrinck Veiga", que estavam quasi ultimadas e concluidas, foram interrompidas devido a certas exigencias de ambas as partes.

—:—

— Zaira Cavalcanti, que ha dois annos se encontrava em São Paulo, actuando no "brodcasting" local, regressou ao Rio com a sua voz morena e está cantando outra vez para os cariocas.

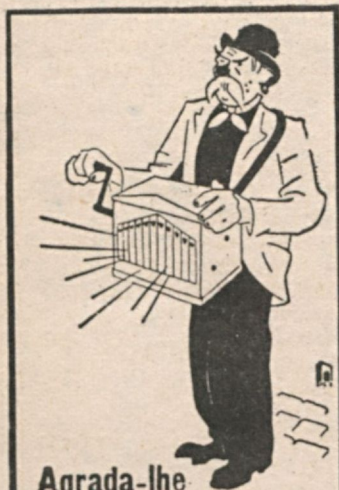
—:—

— Felicio Mastrangelo, que era um dos speakers do "Programma Fala Sosinho", isto é, do chamado "Programma Nacional", dirigido pelo Sr. Salles Filho, foi substituido pelo seu collega Pedro Conti.

—:—

— O "Programma Lamounier", o mais antigo da "Radio Educadora", organisado pelo compositor Gastão Lamounier, teve sua transmissão interrompida, ha dias.

## TUDO NOS UNE...

E' brasileiro, veiu lá das fronteiras do Rio Grande do Sul com os paizes do Prata e fala perfeitamente o idioma desses nossos visinhos. Resultado: tinha que cantar tangos, fatalmente. Fernando Alvarez é novo no radio carioca. Mas o publico já tomou conhecimento da sua voz e e do seu nome. E' um interprete honesto do repertorio "criollo" e das milongas sentimentaes. A "Mayrinck Veiga" foi a estação que o lançou, aqui no Rio. E Fernando Alvarez já conquistou o seu logar no apreço dos ouvintes, bem como na admiração das ouvintes, que advinham quando o cantor é velho e desengonçado...



## NOTAS FÓRA DA CLAVE

— Gilberto de Andrade vae fundar outra revista de radio, após o seu affastamento da direcção de "Synthonia", semanario que elle fundou e orientou com serenidade e proficiencia.

—:—

— Affirmam que Francisco Alves, depois do Carnaval, pretende voltar ao theatro, encabeçando uma companhia de operetas brasileiras, deixando, assim, durante algum tempo, de actuar no radio.

—:—

— Os artistas de radio tiveram, este anno, pela primeira vez, o seu baile carnavalesco, tal como o das actrizes, que já se realisa ha muito tempo. O Sr. Paulo Bavilacqua, da "Radio Cajuti", foi o principal animador dessa festa, realisada no "Theatro João Caetano".

—:—

— Julio de Oliveira fez a seguinte revelação, numa chronica do "Beira Mar": — quando Carmen Miranda appareceu em publico, pela primeira vez, no "Instituto Nacional de Musica," cantou os tangos "Caminito" e "Che papusa, oi!", acompanhada, aliás, pelo auctor da chronica. Quem diria, então, que ella seria a melhor interprete do samba?

—:—

— A "radio Transmissora Brasileira", a estação que a "Victor" está installando nesta capital, deverá iniciar em Abril a sua actividade. Affirma-se que todos os artistas que gravam discos naquella fabrica pertencerão ao seu elenco de exclusivos.

## RADIOLETES

— Cesar Ladeira vae gosar 20 dias de férias em Poços de Caldas.

—:—

— Carmen Miranda e Aurora Miranda trouxeram, da sua ultima excursão a S. Paulo, um peculio de 23 contos...

—:—

— Carlos Gardel, o cantor maximo dos tangos e das canções milongueras, não é argentino, como muita gente pensa. E' francez de nascimento.

—:—

— Francisco Galvão, collaborador deste semanario e jornalista brilhante, substituiu Zolachio Diniz na chronica de radio do "O Radical".

—:—

— João Petra de Barros gastou 300$0000 de telephonemas para esta capital, durante os dias em que esteve, recentemente, na capital paulista...

—:—

— O smocking do Ivo, do "Bando da Lua", que estava veraneando em Petropolis, em companhia do Mario Cabral, já regressou da cidade serrana...

—:—

— Fernando Castro Barbosa, Heloisa Helena, Cyrene Fagundes, Jayme Britto e André Filho são os cantores attingidos pela reforma de elenco da "Mayrinck Veiga".

—:—

— As "Singing Babies" que vieram trabalhar no "Casino da Urca", vão ser contractadas para uma das estações de radio desta capital.

—:—

— O "Programma Nacional", o celebre "Fala Sósinho", começou a convencer-se da razão dos criticos e já está incluindo numeros de canto entre as suas xaropadas. Antes assim...

## PERFIS MICROPHONICOS

M. B. — Um violão — uma voz grossa — bondade infinita — uma princezinha encantada.

L. B. — O magro desconhecido — poeta do Sorriso e da Lagrima — uma mulata, uma morena e o "seu" Cabral.

C. L. — Palmo e meio de altura — gordo, muito gordo — um bigodinho infezado — uma Cidade que não é delle — um milhão de erres por noite.

G. F. — Um par de oculos — uma gravata anti-diluviana — um saquinho de lagrimas debaixo da lingua.

A. C. — Uma musculatura regular — um kilometro de actividade — um programma de radio — um escriptorio para fazel-o velho.

P. R. — Carinha de menino — um diploma de medico — roda de moças — um bilhete sentimental.

C. M. — Sirigaita — tonelada e meia de exaggero — gorda percentagem no annuncio — alguns contos de réis por mez.

I[a]. T. — Outro par de oculos e um de gente — côro de ladainha no mez de Maio — os meninos das meninas.

F. C. B. — A voz de... toalha de felpo — aportuguezado — um numero limitado de ouvintes para atural-o.

A. B. — Um piano — pernilongo cutuba — dá nella porque quebrou o violão — uma carteira num vespertino — critico imparcial.

**Claudio Romulo**

## MÃO DE GATO

E' de admirar que o radio argentino tenha deixado Eriberto Muraro se escapar de Buenos Aires para Rio. Depois de presentear-nos com "celebridades" de contrabando, o "broadcasting" portenho mandou-nos um artista de verdade, uma sensibilidade exquisita, um temperamento maleavel e fidalgo. Elle aqui está ha um bocado de tempo, sem alardes, sem secretarios, sem publicidade cabotina, com todos os prejuizos, emfim, que acompanham os valores reaes. E a sua victoria, entre nós, é uma consequencia do seu merito apenas. Haja visto o caso do film "Allô, allô, Brasil", onde Muraro rouba o successo de muita gente que se tem na conta de divindade. Os seus arranjos humoristicos no teclado a sua prodigiosa execução, tornaram-se, atravez do microphone primeiramente e depois por intermedio do celluloide, cartas brancas de popularidade. Eriberto Muraro é artista exclusivo da P. R. A.-9, desde que aqui chegou. E o retrato que acima publicamos talvez seja um dos primeiros a apparecer ao nosso publico...

## MUSICAS DE CARNAVAL

### As ultimas que foram lançadas para 1935

"O Malho" tem registrado o apparecimento de todas as composições carnavalescas deste anno.

As primeiras, surgidas ainda em Novembro, quando clamores de Momo vinham bem distantes, aqui foram annunciadas.

Assim, forçoso era que assignalassemos, tambem, lançamento das retardatarias, das que, por varios motivos, só vieram a publico á ultima hora.

Eis uma relação das ultimas canções carnavalescas da 1935:

— "Morena", marcha de Alcebiades Barcellos e Dan Mallio Carneiro, creação de Carmen Miranda.

— "A melhor das tres", marcha de Lamartine Babo.

— "Rá, ré, ri, ró, ru-a!", marcha de Aldo Nery, creação de Almirante.

— "Sorrisos", marcha de João de Barro e Hervê Cordovil, creação de Carmen Miranda.

— "Não me falta nada", samba de Alcebiades Barcellos e Wagmar, creação de Carmen Miranda.

— "Nunca mais", samba de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal, creação de Carmen Miranda.

— "Ella é do meu cordão", marcha de José Francisco de Freitas, creação de Arnaldo Pescuma.

— "No duro", marcha de Ildefonso Norat, creação de Jayme Vogeler.

— "Chora... Chora...", marcha de Lamartine Babo e Luiz Barbosa.

— "A madrugada vem rompendo", samba de José Maria de Abreu, Milton Amaral e Castro Barbosa, creação de Formenti.

— "Bôa Viagem", samba de Ismael Silva e Noel Rosa, creação de Aurora Miranda.

— "Lua triste", samba de Maercio de Azevedo e Mauricio Joppert, creação do "Bando da Lua".

— "E' do barulho", marcha de Assis Valente e Zéquinha Reis.

## BRÉQUES

Commentando os boatos de que a "Mayrinck Veiga" pretendia mandar um "bilhete azul" a varios dos seus exclusivos, afim de reformar o seu elenco, o Jorge Murad perguntou: — E a "Vacca", do "Beba mais leite", tambem irá para a rua?

—:—

Esta é do Ary Barroso, na chronica diaria do "Correio da Noite". Falou mal das estações de radio, que transmittem, todos os dias, as mesmas musicas carnavalescas já conhecidas. E fez um appello no sentido de serem irradiadas outras ainda desconhecidas, citando como exemplo a marcha "Coração Ingrato", de Nassara e Frazão, que alcançou o primeiro premio no concurso da Prefeitura...

—:—

No almoço a Adhemar Casé, verificou-se um incidente pittoresco. Paulo e Haroldo Tapajóz, os "Irmãos Tapajóz", como são conhecidos, achavam deviam tomar parte no ágape pagando apenas uma contribuição. O gerente do restaurante protestou. E os "Irmãos Tapajóz", embora cantem a "una voce", tiveram que comer e pagar com separação de corpos...

# Uma instituição benemerita

## Sanatorio Infantil S. Pedro

O Brasil é uma terra de bons medicos e maus hospitaes. E não ha nessa affirmação nada de paradoxal, desde que se considere que o medico é o caso individual ao passo que o hospital é um problema de ordem collectiva. Sem um estado de organização geral, seria utopia pensar-se em bons hospitaes, e como aquella nos falta estes tambem não poderão existir, senão como manifestações isoladas e raras de iniciativas privadas, que, justamente por isso, se tornam excepcionalmente meritorias.

Está nesse caso o SANATORIO INFANTIL SÃO PEDRO, de Petropolis, fundado e dirigido pelo Dr. Aroldo Leitão da Cunha, e destinado especialmente ao tratamento medico, dietetico, climatologico, heliotherapico e orthophrenico das creanças fracas, convalescentes, nervosas e retardadas.

Esse estabelecimento clinico, que recebe creanças dos dois sexos, até á edade maxima de 15 annos, acha-se situado na zona mais salubre da encantadora cidade serrana, em plena montanha e no seio da floresta, na vertente da serra opposta ao mar — o que lhe garante um clima frio, secco e, por isso, extremamente ameno.

O Sanatorio divide-se em duas secções: uma para debeis physicos e convalescentes, outra para debeis psychicos e retardados.

Na primeira são admittidas creanças constitucionalmente debeis, anemicas, rachiticas, escrophulosas, lymphaticas, adenoidianas, asthmaticas, anhomatosicas, rheumaticas, eczematosas, dysphasicas, obesas, etc., bem como todas aquellas que, enfraquecidas em consequencia de uma enfermidade aguda, necessitam de reconstituir a saude. Creanças portadoras de atonias ou insufficiencias funccionaes, de lesões osseas, ulceras e suppurações, necessitadas de um regimen vitaminisante, ou simplesmente exgottadas pelo estudo, encontrarão ali, tanto no tratamento clinico e cirurgico como nas virtudes do clima as mais seguras garantias de um prompto restabelecimento.

A secção destinada aos debeis psychicos e retardados pode ser considerada um verdadeiro instituto medico-pedagogico, onde as creanças retardadas e deficientes mentaes, em suas differentes fórmas e graus, podem ser tratadas e educadas de accordo com os modernos methodos de orthophrenia e psychopedagogia.

Esta constitue precisamente a parte mais importante da instituição creada pelo Dr. Aroldo Leitão da Cunha, taes os beneficios capaz de prestar a tantos desses pequenos seres infelicitados por taras mentaes que os tornam inaptos para a vida, mas que, mercê dos modernos methodos de tratamento, se transformarão em pessoas uteis e aproveitaveis.

A obra realizada pelo Dr. Aroldo Leitão da Cunha com a creação do seu Sanatorio Infantil é sobretudo apreciavel pelo seu sentido humanitario, piedoso, christão; sem a força poderosa desses sentimentos seria difficil explicar-se a existencia de uma tal fundação num meio como o nosso inculto e indifferente, por causa dessa incultura, a muitos dos aspectos transcendentes da civilização.

# LIVROS E AUTORES

Por PAULO GUSTAVO

*Cleto de Moraes Costa — CRUZ DE CARNE — Irmãos Pongetti, editores — Rio — 1934.*

Cleto de Moraes Costa não é um estreante. Já publicou "Ternura", que não conheço. Não posso, porém, deixar de frisar o contraste entre os dois titulos: "Ternura", embora batido, é um lindo titulo. "Cruz de carne" é horrivel.

No emtanto, a collectanea de versos merecia melhor titulo, um titulo mais poetico. Théo-Filho, que apesar de achar o prefacio superfluo, se encarregou de prefacial-a, affirma que "Cleto de Moraes Costa é sincero e é poeta de verdade".

Declaro-me de accordo com Théo-Filho, mas não creio que "Cruz de Carne" seja um livro definitivo. A bons e inspirados versos, o poeta junta poemas de uma futilidade e descuido de fórma que nos levam a pensar não lhe pertençam. "Paginas de albuns", por exemplo, não honram absolutamente o autor da "Força universal". Em alguns outros, falta certa espontaneidade.

Mas estou de accordo com Théo-Filho: Cleto de Moraes Costa é poeta. Esses pequenos defeitos não farão, apontados, senão estimulal-o no caminho da perfeição. E para a gente se convencer disto, basta ler "Destino", que sinto não ter espaço para transcrever por inteiro. Offerecemos aos leitores alguns trechos:

"Mas, vendo o pranto correr,
"Pergunto a Deus, lá na altura:
Sennor meu Deus, por ventura,
"Me castigaes por amar?"

E pede a Deus que lhe devolva a companheira, terminando:

"Si esta graça, que vos peço,
Me enviardes do infinito,
Haveis de ouvir-me, Senhor,
Em meu grito, outróra afflicto.
Perguntando, agradecido:
Senhor meu Deus, lá da altura,
Senhor meu Deus, por ventura,
Me premiaes por amar?..."

Vê-se, pois, que não considero futilidades os themas de amor, quando tratados com emoção sincera.

E Cleto de Moraes ainda nos dará um livro mais uniforme e que definitivamente o consagrará.

*Richard Wilhelm — CHINA — Marisa, editora — Rio — 1935.*

Dos paizes que vêm ultimamente despertando a attenção mundial, a China occupa, sem duvida, o primeiro plano. Victima de exploração de potencias européas e orientaes, victima dos seus proprios erros e dos seus grandes defeitos, é olhada pelos outros povos com uma piedosa sympathia, que dia a dia se generaliza.

Dahi os estudos que a seu respeito se vêm fazendo. Um dos mais completos é o que Marisa Editora fez traduzir para nosso idioma e que nos mostra, atravez de 220 paginas, o desenvolvimento e a transformação da cultura chineza. Aborda a cultura do Norte e do Sul com as suas respectivas escolas, a evolução politica do estado feudal á republica, as relações com os estrangeiros, a invasão do communismo e termina evidenciando a luta entre as culturas occidentaes e as orientaes e considerando as posibilidades de solução.

*Alfonse Bué — MAGNETISMO E HYPNOTISMO — Livraria Editora da Federação — Rio — 1935.*

Proseguindo na traducção das melhores obras espiritas, a Livraria da Federação offerece, agora, ao publico o trabalho de Alfonse Bué: "Magnetismo e hypnotismo curativo".

Depois de examinar as differenças entre magnetismo e hypnotismo e estudar os effeitos de ambos quanto ao seu valor curativo, o autor aborda o exercicio do magnetismo sob o ponto de vista legal e da consciencia, para concluir que só ha uma saude, só ha uma molestia, só ha um remedio e que o magnetismo é o verdadeiro agente da transfusão da vida.

E' um volume de quasi 400 paginas, bem impresso e elegante.

*CONTOS SOVIETICOS — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo — 1935.*

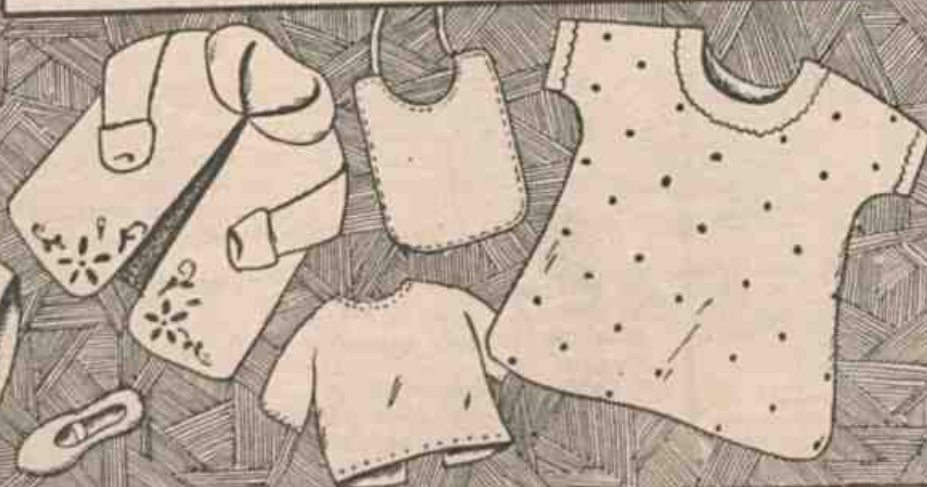
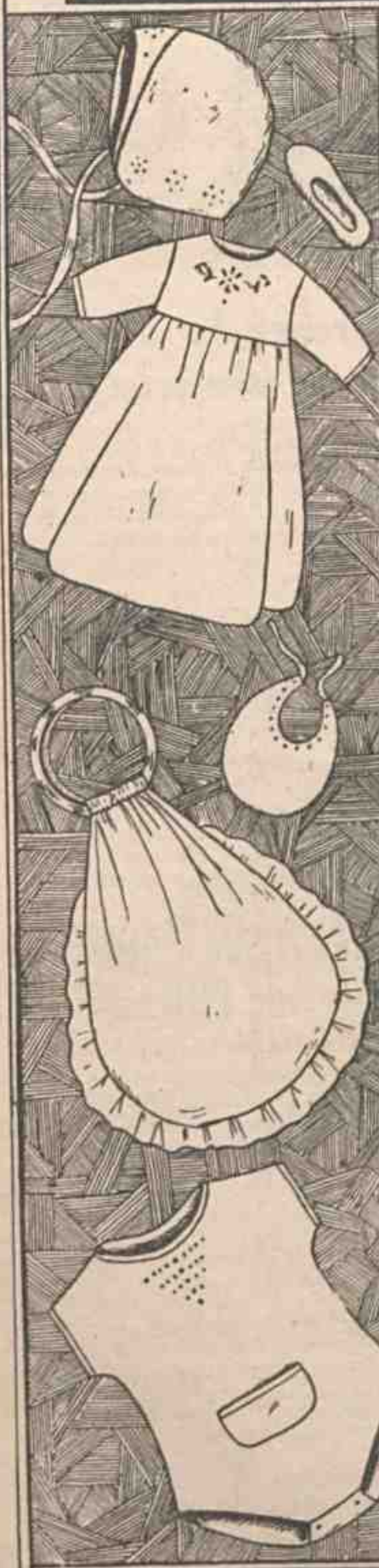
Neste volume, a Livraria Cultura Brasileira reuniu uma série de contos sahidos da penna dos novos escriptores russos.

Atravez narrativas, quasi todas realistas e tragicas, sente-se a vida dolorosa. Tão arraigada ao destino da raça slava. E etmse uma idéa mais exacta do que é realmente a existencia sob o regimen soviético. Não se parece com um paraiso... Muitos dos contos são magistraes. Alguns serão mesmo novellas.

Apparecem os mais festejados nomes da moderna literatura russa, representando todas as tendencias, todas as escolas: Boris Pilniak, Nicolau Ognief, Mikhail Skholotchof, Alexandra Kolontai, Pantelaimon Romanof, Ovadi Lavitk, Alexandre Newerof, Isaac Babel, Sergio Demionof...

A traducção é de Gabriel Marques. E é boa.

O ENXOVAL
DO BÉBÉ
(Uma edição da ARTE DE BORDAR)
Originalidade, Elegancia e Pratica
são as qualidades que se encontram reunidas neste bellissimo album.
Contém a mais rica e moderna collecção de modelos para a confecção de lindos enxovaes para recem-nascidos.
40 Paginas com 100 motivos
para ornamentar as diversas peças, acompanhados da mais clara explicação para a sua execução.
Em um grande supplemento vem originalissimo risco para colcha de berço e outro de édredon, além de
12 Moldes em tamanho natural
de todas as roupinhas para creança desde recem-nascida até á edade de 5 annos.
O album «Enxoval do Bébé» é uma preciosidade para as mães, e é unico no genero.
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Pedidos á redacção de ARTE DE BORDAR — Travessa Ouvidor 34 — Rio. — C. Postal 880
PREÇO
6$000
COMPRE-O!

# A SAIA DA BAHIANA

(SKETCH TELEPHONICO)

ELLE — Você me conhece?

ELLA — Como? Já tão cedo?

ELLE — Sim. Eu ando sempre adeantado...

ELLA — Não, não te conheço. A tua voz é differente de todas as outras...

ELLE — Obrigado. Eu adóro ser differente. Ando justamente á procura de uma mulher differente. Mas não a encontro. Ellas são todas tão eguaes... São feitas em série como os automoveis baratos...

ELLA — Malcreado!

ELLE — Você está pensando, não fosse você mulher, que eu estou apaixonadissimo. Por você! E que não como, não durmo, e que estou querendo marcar com você algum encontro no Carnaval!

ELLA — ...

ELLE — Não, garota, eu não estou apaixonado. Eu só me apaixonarei depois do Carnaval... Talvez mesmo por você. Quem sabe?

ELLA — Mas o que o senhor deseja, "seu" desaforado?

ELLE — Eu desejo apenas o seguinte. Ver você vestida de bahiana. Você esguia e moreninha, a bocca pequena e o busto de creança mulher — seria a mais louca e a mais deliciosa das bahianinhas estylisadas. E' o meu sonho neste Carnaval. Não quero mais nada... Ah! garota! Eu só quero ver os pézinhos miudos de você, no chinellinho ainda mais miudo das bahianas... Toda enroscada de collares immensos, chocalhando... E a grande saia de côres, redonda como um balão que quizesse subir, segurando você pela cintura... A cintura fina de você!...

ELLA — ...

ELLE — Allô!

ELLA — ...

ELLE — Allô!

ELLA — ...

ELLE — Não me quer responder? Não está me ouvindo?...

ELLA — ...

ELLE — Responda!...

ELLA — ...

ELLE — Oh! você não quer falar!

ELLA — ...

ELLE — Você foi embora?

ELLA (quasi num sôpro) — Não... não... Eu estava pensando de que côr vou fazer a saia da bahiana...

BENJAMIM COSTALLAT

# Confetti & serpentina

Dá-se o nome de Carnaval a uma festa em cujo decurso toda a gente *finge que é o que não é*—exactamente ao contrario da vida commum na qual toda a gente *finge que não é o que é*... O Carnaval é um fingimento com *Champagne!* a Vida é um fingimento a secco... Eis ahi toda a differença entre as duas maneiras de fingir...

—:o:—

O *grupo* é a familia do carnavalesco. E' uma reunião de individuos, do mesmo sexo, ou de sexo differente, que se propõem a fazer tolices em commum. A familia é, precisamente, o contrario do *grupo*: uma reunião de pessoas cada uma das quaes se propõe a evitar que as outras façam tolices...

—:o:—

O *cordão* é um grupo em fieira, isto é, um grupo *seriado*. Ha individuos tão anti-sociaes que só se prenderam, na vida, a um cordão: o umbilical...

—:o:—

A *serpentina* é um recado que um maluco manda a outro maluco, atravez de um oceano de malucos. A serpentina é a unica maneira de falar que exige boa pontaria...

—:o:—

Dá-se o nome de *Carnival-bluff* ao em que um homem *brinca* com a sua legitima esposa, levando a sogra e as creanças para fazer o côrso, nos tres dias...

—:o:—

Os homens, para se rirem de seus semelhantes, precisam de pôr uma mascara. As mulheres riem-se delles, diariamente, sem mascara nenhuma...

Ha familias tão grandes e tão complexas que lembram os prestitos dos grandes clubs carnavalescos: abrangem tudo, desde o carro chefe, alegorico, até os de critica, e os abaixo da critica...

—:o:—

O sujeito que se julga phantasiado só porque põe um nariz de papelão, pensa que a vergonha está no nariz — de todos os nossos orgãos exactamente o mais cynico...

—:o:—

O burro é um cavallo que se phantasiou de pobre para evitar aborrecimentos na alta sociedade...

—:o:—

Para ser coherente, um bom carnavalesco deve começar por se rir de si mesmo...

—:o:—

O pai de familia é o *balisa* de um *bloco* que elle nunca sabe, ao certo, de quantas pessoas se compõe...

—:o:—

Um homem serio é um homem phantasiado de si mesmo...

—:o:—

"*Não ha nada peor para um cavallo de boa familia do que a vizinhança de um burro* mal educado" (opinião de um homem honesto, que não toma parte em *grupos* nem em *cordões* de qualquer especie).

—:o:—

"*A mentira é uma verdade vestida para um baile de mascaras*..." (philosophia de domingo de Carnaval).

—:o:—

O sorriso é o *croquis* do riso. Quasi sempre, não vale a pena passar do ante-projecto...

—:o:—

O homem intelligente nunca se alegra nem entristece de mais. O riso e a lagrima são excessos — e é sabido que a Vida é feita de meios termos...

—:o:—

Para que alguns individuos se phantasiassem de verdade, precisariam de esconder as orelhas — o que seria impossivel...

—:o:—

O *lança-perfume* é um anesthesico perfumado. E' o ether phantasiado de Caron e Guerlain...

—:o:—

O juizo é a riqueza das intelligencias pobres...

—:o:—

O *lança-perfume* é uma brincadeira inutil: as pessoas limpas já sabem de casas perfumadas! Quanto ás sujas, precisariam, antes, de um repuxo de agua e sabão...

—:o:—

O carnavalesco que não sente o ether dos lança-perfumes, ou é muito infeliz ou muito... bebado.

—:o:—

Os *confetti* são a moeda de ouro da Loucura. Possuem a circulação mais restricta que se conhece: duram, apenas, tres dias...

—:o:—

O papel-moeda e os *confetti* são convenções identicas. Ambas só valem porque ha malucos que se divertem com ellas...

—:o:—

As *phantasias* do Carnaval são as unicas que não levam ninguem ao Hospicio: todas as outras são perigosas...

—:o:—

A maior accusação que se póde fazer á intelligencia de Pierrot é a existencia de Colombina: o sujeito que se apaixona, no Carnaval, é imbecil ou louco.

—:o:—

O ruido é um som que perdeu o juizo...

—:o:—

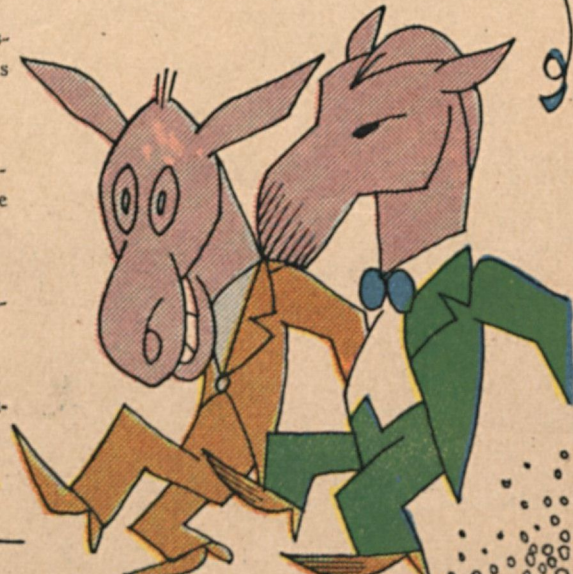
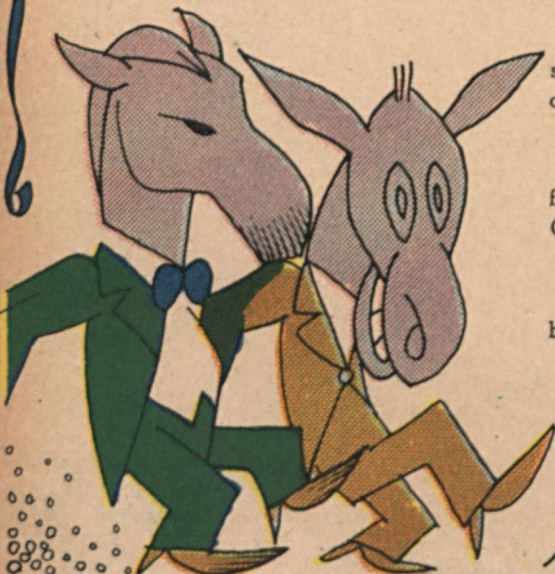
Depois dos 50 annos, toda quarta-feira é de Cinzas...

—:o:—

O sorriso é uma fórma envergonhada de ser alegria... E' uma alegria typo Collegio de Sion...

—:o:—

Momo é o deus que não têm deuses...

*BERILO NEVES*

# Cabeças de homem para chapeus de mulher

O chapéo de jardineiro. Luiza Bourbon

Minhas senhoras!...

"Vu", revista parisiense, vos apresenta, por nosso intermedio, uma suggestão para quando tiverdes de experimentar um chapéo novo. Procurae um homem em cuja cabeça possam servir os chapéos que escolhestes, e, de longe, a alguns passos, vêde si os chapéos lhe assentam. E' bem certo que vós constatareis o seguinte: o chapéo de uma dama nem sempre fica mal na cabeça de um cavalheiro...

E não é lá coisa para espantar ninguem. Os barbados foram os primeiros a usar chapéo, e quasi todas as chapeleiras parisienses se tem inspirado num chapéo masculino: tricornes, escocezes, boinas, turbantes, feltros tyrolezes, toreadors, chapka cossaca, tonkinezes, capacetes, etc. Tanto é verdade isso, que as mulheres adoptam, volta e meia, para designar seus chapéos, o nome de um chapéo de homem.

A boina, ou gorro basco. Rose Valois

Entretanto, quando a moda degenera, quando os chapéos deixam de ser de estylo, affectam fórmas bizarras, tomam proporções gigantescas e, quando sobrecarregados, cobertos de flores ou de plumas, tornam-se ridiculos para os homens... como para as damas!!!

FRANCINE

O tricorne. Rose Valois
(Photos Saad)

Henrique IV e Luiza Bourbon

O fez, gorro vermelho dos ottomanos e marroquinos. Luiza Bourbon.

Santo Ambrosio

# OBRAS PRIMAS da Pintura

URBINO, cidade italiana, é uma das mais zelosas de seu passado artistico. Deparam-se-nos ali muitas collecções preciosas, sobretudo télas, assignadas pelos principaes representantes da escola classica. O palacio construido por Luciano Laurana conserva as preciosidades que legaram ao mundo artistas famosos, como Castiglione, de Mantua, Piero della Francesca, de Borgo, Octaviano Nelli, de Gubbio, Melozzo da Forli, de Roma; Yoost van Wassenhove, de Flandres; P. Berruguete, da Hespanha; Van Eyck, da Hollanda; Antonio de Pollaiuolo, etc.

O Duque Frederico enriqueceu o palacio com livros raros e codigos miniaturados de valia inestimavel, no intuito de tornal-o tambem uma das mais ricas bibliothecas do Occidente.

O celebre "Gabinetillo" de Frederico mereceu agora as attenções do director de Antiguidades e Bellas Artes da Italia, e graças a este archeologo o pequeno museu vae ter suas pa-

O geometra Euclydes e





redes ornadas com os retratos de homens illustres que pertenciam á Galeria Barberini. Diz-nos Palma Bucarelli que, "segundo uma relação de Bernardino Baldi, os retratos (28) e "tabla" que representa Frederico e seu filho Guidobaldi, infante, contornavam, em duas ordens sobrepostas, as paredes do "Gabinetillo". Todos permaneceram em seus logares até os tempos de Francisco Maria II, quando foram removidos, juntamente com as personificações da Rhetorica, da Musica, da Dialectica e da Astronomia, que formavam parte do mesmo cyclo, para as salas do palacio em questão.

Pelo anno de 1631, o Cardeal Barberini, mandado a Urbino no caracter de legado pontificio, gostou dos quadros e fel-os transportar para a Cidade Eterna, onde foram repartidos entre as Galerias Barberini e Sciarra.

Alberto Magno

Moysés, tela de Pedro Berruguete a quem se devem tambem as outras que illustram esta chronica.

Quatorze dos retratos de homens illustres passaram a fazer parte da "Collecção Campana". Os restantes passaram a ser propriedade do Estado, de commum accordo com os principes Barberini.

Os vinte e oito *portraits* de homens illustres não manifestam do mesmo teor e na mesma medida o amalgama de tradições. O *Moysés*, o *Santo Ambrosio*, o *Papa Pio II*, o *Aristoteles*, o *Platão*, o *Hippocrates*, por exemplo, ainda permittem advertir, sob um faustoso chromatismo, a pobreza de feitura.

O retrato de Frederico, o *Alberto Magno*, o *Euclides*, etc., em nada lembram o estylo flamengo.

Palma Bucarelli asserta que aquelles trabalhos devem ser attribuidos a Pedro Berruguete, e a sua pennada basêa-se nas palavras de Hullin de Loo, Longhi e Allende Salazar.

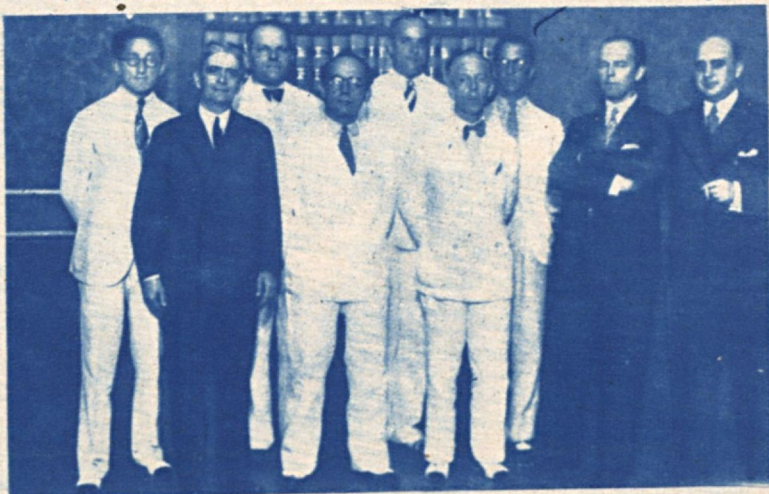
# A FATALIDADE PESA SOBRE AS LETRAS DO BRASIL

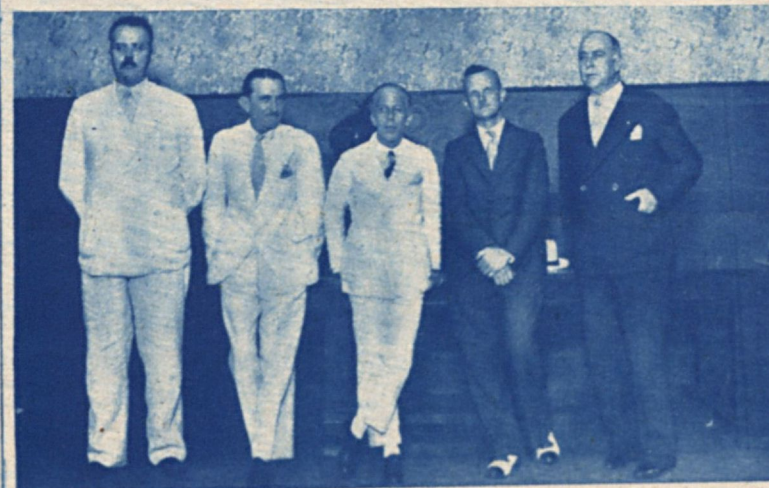
A morte de Ronald de Carvalho roubou ás letras do paiz uma fulgurante intelligencia e uma das mais nobres organizações de artista do Brasil contemporaneo.

Quer como poeta, abrindo luminosos caminhos á moderna poesia brasileira, quer como ensaista, fino, arguto, sempre original e ás vezes profundo nos seus julgamentos, esse espirito magnifico tomou um logar aparte em nossa vida literaria.

A morte veiu colhel-o em pleno apogeu da sua carreira, no momento mais bello da sua ascensão. Ronald não sobreviveu á propria gloria. Não conheceu a tortura da decadencia. Um motivo a mais para que o seu nome se grave, com um relevo excepcional, na memoria dos que o viram erguer-se e subir com a força do seu talento.

A tragedia que envolveu os seus ultimos dias augmenta a desgraça irreparavel da sua perda, numa hora em que a Patria, mais do que nunca, precisa de todas as suas reservas humanas de caracter, de intelligencia e de cultura bem orientada.

# VIDA DA A. B. I.

A recepção feita pela A. B. I. aos jornalistas Heliomar Carneiro da Cunha, presidente da Associação Espirito-santense de Imprensa; Carlos Spinola e Plinio Cavalcanti, directores das succursaes do "O Malho", na Bahia e em São Paulo, respectivamente.

O "Cock-tail" dos 4 "Cês" em homenagem á A. B. I.

Visita á Associação Brasileira de Imprensa dos directores da Fox Films e do Sr. Charles Herbert, idealizador do "Tapete Magico", no qual o Rio de Janeiro apparecerá, em breve, ao mundo inteiro.

Almoço offerecido ao presidente da Associação Brasileira de Imprensa, pelas alumnas do Instituto de Massagens e Orthopedia, por occasião da entrega dos diplomas á segunda turma de massagistas que completaram o curso.

# O Tempo Que se foi...

As vozes longinquas e amaveis e puras da minha terra
Me vêm aos ouvidos, cantando cantigas para me embalar,
E a minha saudade, nas brumas do tempo, paisagens descerra,
Coqueiros esveltos, igrejas [illegible] pegados ao mar.

Na praia de Olinda que sol milagroso [illegible]!
E a praia coberta de peixes dourados [illegible]
E as notas festivas do sino do Carmo chamando á novena!
Os sinos de Olinda! Plangencia tão triste [illegible]

E as ruas desertas do velho Recife desfilam por mim.
Os negros cantavam, levando um piano nos hombros possantes,
E as vozes dos negros, em lenta cadencia, diziam assim:

"Ai, uê, vira moenda,
Ai, uê, moenda virou.
Eu estava em Beberibe
Quando a noticia chegou.
Mataram Zé Marianno,
O commercio se fechou,
Mas a noticia era farsa
Graças a Nosso Senhô.
Ai, uê, vira moenda,
Ai, uê, moenda virou".

Depois o colegio. As cantigas em pleno recreio:
"Pestalozzi traçou o caminho..." Bem sei que traçou
O suave caminho que a nos parecia tão rude e tão feio...
Mas quanta harmonia, mas quanta beleza o caminho [illegible]!

Meu Mestre querido, de barbas enormes. Eu bem o recordo:
Mão firme brandindo a varinha de cana á maneira de lança.
Dormi bem trinta anos e agora, homem feito que acordo,
A sua figura de apóstolo, cresce na minha lembrança.

As ferias na Uzina. Tio Juca, no pateo, de calça de lista,
Comprando cavalos, de botas compridas, rebenque na mão.
— "Defeito o caválo não tem. Si tivê, Curuné, tá na vista..."
Tio Juca comprou o cavalo. Era cégo — "Si eu pego o ladrão"...

Porteiras de engenho gemendo nos gonzos... O banho no rio,
Chocalhos fininhos de cabra, mugidos plangentes de boi.
Nas noites de lua as violas chorando no "desafio"...
Ou o grave silencio dos campos e os sapos: "ai, foi, não foi!"

Cedinho correr a planura da varzea deserta e encharcada,
Armar a arapuca. Ficar todo o dia, com os olhos no chão.
Voltar á bôquinha da noite. Que fome danada!
Trazendo um punhado de pássaros presos num grande alcapão.

Fazer a caçada de paca. Pegar na espingarda
[illegible] com a negrada pr'a longe, tres leguas, pelo matagal.
[illegible] — "Cuidado que a bicha não tarda!"
Cachorros paqueiros no fundo da grota nos dando sinal.

E a paca espirrando do escuro [illegible] passou na corrida!
O tiro que eu dera com o braço [illegible] nem mesmo a espantou.
[illegible] outro tiro cantou nas [illegible]. E a pobre, sem vida,
Nas aguas tranquilas do açude, por entre os cachorros, rolou...

[illegible] levantando a poeira na rua da Feira,
[illegible] de Chico Gomes [illegible] Caruaru,
[illegible] nuvem na [illegible]
[illegible]

[illegible] endiabrada
[illegible] gibão!
[illegible]
[illegible] no chão.

Depois [illegible] eu sentia!
[illegible] (Ninguem acredita sem duvida. Eu sei).
Da mais [illegible] barraca de fogos da freguezia...
Vendia "limalhas", balões e [illegible]. Mas nada guardei.

Soava o clarim do 14. Já vinha tocando, insolente,
O [illegible] — um "dobrado" vibrante de notas marciaes.
E quando passava o 14, eu corria na frente,
Gingando no orgulho de ser um moleque feliz entre os mais.

Ou tarde da noite fugir, sem que em casa ninguem acordasse,
Juntar o meu grupo. Que amigos peraltas em torno de mim!
Tomar o tremzinho reumático, em segunda classe,
Pr'a ver Herotides dansar de "pastora" em Parnameirim.

Ou ir alagado, pingando em goteiras, de roupa encharcada,
Sentindo o aguaceiro das noites incriveis de tempo mão,
Comer "munguzá" ou "cangica" ou "tapioca-molhada"
(Quem ha que se esqueça?) Na feira-noturna do Bacurão.

O' vozes longinquas e amaveis e puras da minha terra!
Cantai-me de novo aos ouvidos, que a vós devo tudo o que sou!
Fazei desfilar através dos meus olhos cansados
As sombras errantes do velho Recife dos dias passados...

"Ai, uê, vira moenda,
Ai, uê, moenda virou".

Olegario Marianno

# O SILENCIO da SOMBRA

## AMERICO PALHA

### ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

vida não sorria feliz para Armando de Alencar. Apesar de ter sido um victorioso em varios aspectos de sua agitada carreira, tomando parte em memoravel luta politica, jornalista que rapidamente ascendeu a um alto posto no jornal em que trabalhava, escriptor que a critica exaltou sem restricções, Armando sentia que estava suspenso sobre um vacuo. Faltava-lhe alguma coisa que elle julgava indispensavel á sua existencia. Alguma coisa que seria tudo para seu espirito sedento, para sua alma ansiosa. Faltava-lhe o amor de uma mulher que lhe comprehendesse a nobreza de sentimentos, a dedicação de que seria capaz, á brilhante orientação de sua intelligencia votada ás causas boas e aos interesses do bem commum. Emfim, uma mulher que o amasse. Armando comprehendia que em torno delle havia a ausencia desse fogo divino que confunde os corações humanos e entrelaça tantas creaturas na sua ardente fascinação.

O jornalista chorava, ás vezes, intimamente. Julgava excessivo o peso que carregava. Não podia se conformar que o destino lhe fosse tão ingrato, transformando-lhe a vida num deserto immenso, deserto arido e sem luz, onde elle via suas melhores esperanças fendidas pelos raios e destruidas pelas tempestades. Atravessava elle esse deserto, em busca de um oasis onde talvez encontrasse a Felicidade... a Felicidade que era para o seu espirito angustiado um mytho e uma illusão distante...

* * *

Passaram-se annos. Nada mudára. A impenetravel escuridão da existencia de Armando de Alencar continuava. Estava elle exhausto de galgar distancias, de atravessar precipicios, de correr atráz da Felicidade. Não a pudera encontrar.

Desilludido, Armando arrastara comsigo o fardo da resignação. Era um vencido. Descrêra de Deus. Descrêra dos homens.

Os seus labios, que tanto procuraram outros labios para beijar, estavam resequidos. A sua alma que tanto buscára outra alma para repousar tranquilla, estava cansada. O seu espirito, que tanto aspirava uma luz que fosse a sua inspiração, já se acostumára com as trevas exteriores.

Em torno delle, Armando ouvia o silvo das serpentes e os uivos das hyennas. Seus pés sangravam nas pedras dos caminhos e os olhos, fatigados das vigilias prolongadas, já não podiam chorar. Caminhando sempre para o estuario de seu destino, Armando soffria com o estoicismo dos bravos. Vencia as emboscadas do odios, dominava as furias dos temporaes ameaçadores, e, ao canto da bocca, trazia sempre o rictus de uma amargura extrema.

* * *

O homem, entretanto, tem sempre na vida a encruzilhada perigosas onde se cruzam as grandes surpresas. Um dia chegou á sua encruzilhada,

Parou.

Sua alma contemplativa olhou em redor. Exgotado das lutas que deixára atraz de si, numa sementeira immensa de desillusões amargas, Armando deixou que a sua consciencia de poeta se fixasse numa luz que surgira deante delle, embargando-lhe os passos. Na sombra crepuscular daquelle momento, Armando viu dois olhos negros que sorriam para os seus. Olhos mysteriosos de esphynge. Olhos cheios de promessas implacaveis. Olhos macios que lembravam dois pedaços de céo...

Armando falou:

— Quem és?

— Aquillo que procuras, respondeu a dona daquelles olhos. Andas em busca da felicidade e ella está tão perto de ti... vem buscal-a. Tens dormido sem calma as tuas noites de viajor sem fé. Pódes agora retemperar as tuas energias e soltar o grito da victoria final.

— Será verdade ou apenas um sonho de meu espirito atribulado? Vejo-te radiosa, nesse esplendor de mocidade que é vida, que é sangue, que é carne...

— Porque descrês? Eu sou a Vida...

O jornalista estava preso áquella apparição. Todos os dias voltava á encruzilhada para ver aquelles olhos deliciosos e perturbadores que lhe pareciam um enygma diabolico, uma tentação irresistivel.

Um dia, Armando quiz beijal-o. Mas a dona não lhe permittiu a ousadia.

— Ainda é cedo. Esperaste tanto por mim... Tantos annos... Porque pretendes possuir-me antes que eu o consinta?

— Mysterio ou realidade, fala. Dize quem és. Teu nome. Tua vida. Teu passado. Não maltrates a quem já não póde mais supportar alfinetadas sobre a carne torturada. Fala. Eu te amo. Vem encher os meus dias com o teu sorriso. Com a tua luz. Com os teus carinhos. Deixa-me beijar esses olhos mysticos e romanticos de sol-poente, esses olhos que são duas paizagens de primavera...

Um riso estridente ecoou pela encruzilhada.

— Sou uma sombra, não vês? Podes pegar uma sombra? Insensato! Podes beijar uma illusão? Não comprehendes que eu nasci para tentar? Que a minha missão é espalhar, apenas, esperanças que nunca se realizam? Não vês que eu sinto a volupia de mentir para atormentar? Eu te menti...

Mas Armando não se convenceu. Estava certo de que aquelles olhos poderiam ter mentido para outros, mas nunca para elle.

— Não creio nas tuas palavras. Sei que não és uma sombra. E's uma realidade. E não pódes fugir. Fizeste um dia a confissão que guardei, avaro, no intimo como um thezouro precioso. Não mentiste, quando disseste que eras a minha esperança derradeira...

* * *

A dona dos lindos olhos romanticos e silenciosos não respondeu. Continuou a olhar o jornalista desgraçado, com o seu turbilhão de chammas ardentes e mysteriosos...

— Porque não respondes?

.... .... .... .... .... .... .... ....

E os olhos romanticos da encruzilhada continuaram a ser um grande enygma, um enygma indecifravel que apunhala e maltrata.

# Gandhi - O santo das Indias

Jenny Pimentel de Borba

A India, que parece condensar todo o sensualismo oriental e o mysticismo das raças influenciadas por ancestraes morbidos, quer quando fogosos como os seus corceis, ou quando se transformam, pelo poder da vontade, em fakires, foi o berço de GANDHI NAVAJIVAN.

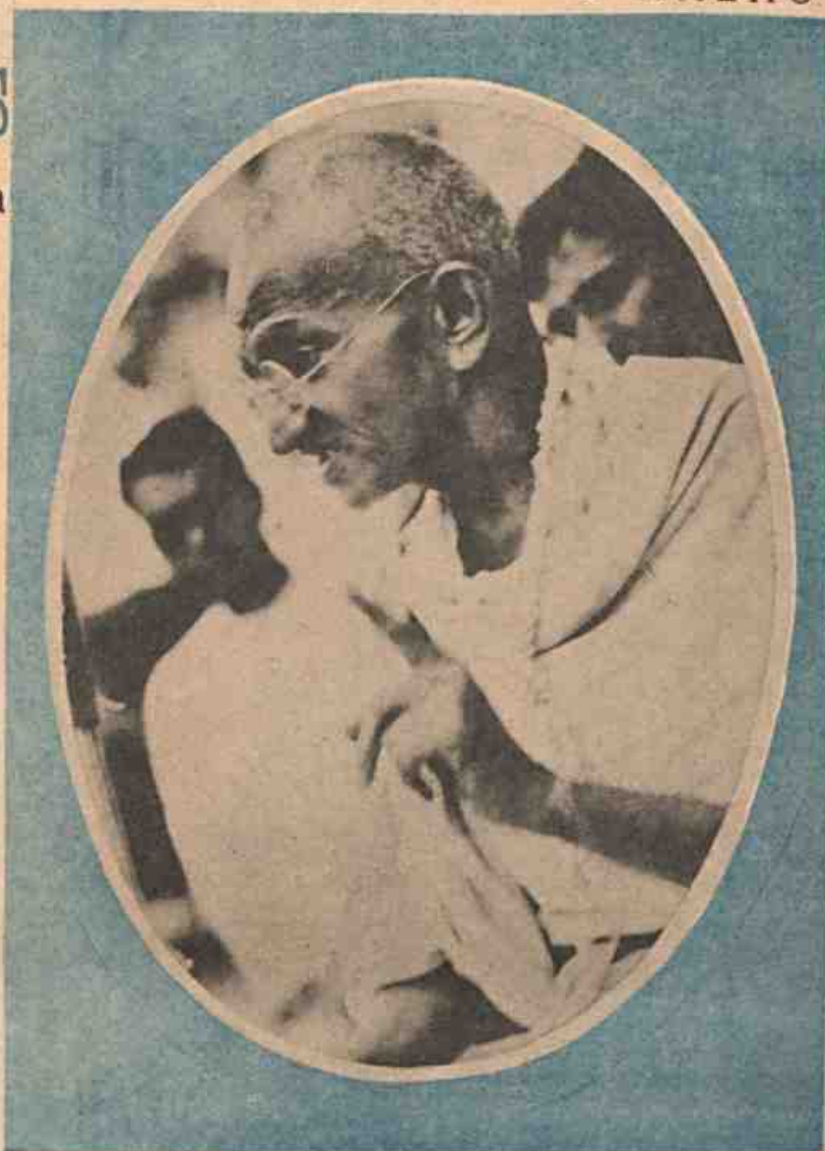
Mahatma Gandhi, magro pelos jejuns e forte pelo seu voto de Brahma-Charya-lei de castidade absoluta—é actualmente entre as figuras de relevo universal—a meu ver—a maior. A sinceridade das suas attitudes, a sua energia jamais enfraquecida, collocam-no acima dos outros **condottieri.** Empenhando na conquista de seu ambicionado ideal todas as forças physicas e moraes, fazendo delle a sua unica razão de existencia, Mahatma, que em francez Georgette Camille traduz para **Grande Ame** e que em portuguez, sem impropriedade, poderiamos dizer "Santo", conquista em cada individuo um admirador. Tendo conhecido muito joven, em virtude de um casamento precoce, todas as razões de uma vida em commum, em 1906 fez o voto Brahma-Charya porque só assim poderia dedicar-se á sua patria.

Na sociedade Hindú, aliás, a escola e o matrimonio marcham lado a lado.

Conforme o costume de sua raça, Gandhi casou-se muito menino, aos treze annos da sua edade.

A "Vie de M. C. Gandhi-écrite par lui même" tradução de Georgette Camille, é um livro de memorias do Mahatma das Indias. A discreção das narrativas empresta ás memorias de Gandhi um sabor de veracidade. Cita suas idéas e, ligando factos, mostra como estas se apoderaram delle, como acreditava nas coisas, as metamorphoses de seu pensamentos que os factos provocavam e dá, emfim, o fructo de tanta experiencia. Intitulou-a: "Histoire de mes Experiénces avec la Verité". A sua vida, nos conduz, outrosim, á India com exemplos concretos a respeito de castas, costumes, religiões, daquelle povo inclinado ao mysticismo devido ás influencias ancestraes. Mostra-nos a situação deprimente no periodo da sua mocidade, dos hindús chamados de **couleur** pelos europeus e tratados como párias dentro da propria patria, onde lhes negavam direitos e só permittiam-nas estradas de ferro, a passagem de terceira classe.

Gandhi descreve uma viagem, que fez á Africa do Sul, contando as difficuldades que teve, então, para fazel-a com algum conforto que seria natural, em se tratando de um homem formado na Inglaterra e conhecido dos elementos governamentaes inglezes, alguns até seus antigos collegas de curso. Soffrendo os maiores maus tratos e vexames, Gandhi, de humilhação em humilhação, foi meditando sobre a situação dos seus irmãos.

Foi então que mais forte se tornou o seu grande ideal de se dedicar aos seus irmãos opprimidos. Pouco a pouco, passou a viver exclusivamente para isso, desprendendo-se cada vez mais da propria familia, convicto de que o seu destino era melhorar a sorte daquelle povo. Descido á ralé, com ella integrado, soffrendo e combatendo por ella, Gandhi subleva as massas.

Nao podera ser apenas "um agitador de um idealismo imaginario" conforme a opinião do principe hindú Vothal Chintanan que ha dias foi entrevistado em nosso porto e que faz um cruzeiro "arcund the world".

Gandhi deve ser um apostolo dentro da sua humildade, um Anchieta com o seu "Brahma-Charya". Si o rotulo das doutrinas os separa, o liquido do coração de ambos daria a mesma essencia com que Christo quizera amaciar a humanidade. Nada de fél, nada de bilis, mas bondade, resignação, castidade e "non violence".

Os santos são primeiro aclamados pela plebe.

Anchieta dominou, antes, o coração selvagem e a indole obscura do aborigene para depois ser comprehendido pela alta camada que hoje o respeita como um Santo brasileiro.

Gandhi—o Santo das Indias—segue-lhe as pégadas.

# Eia, a cantar!

VIERAM phantasias de Copacabana, da Gavea, Madureira, Meyer, da Penha, de Olaria, do Leblon. Umas de automovel, outras de omnibus, nos trens da Central, nos vagões da Leopoldina, nos bondes, nas caixas de phosphoros da Rio D'Ouro e da Linha Auxiliar.

E misturaram-se na Avenida e em todas as ruas que desaguam na Avenida.

A multidão maior que o Rio já viu reunida. Nem a chegada de chefes de Estado extrangeiros, nem a passagem triumphal de aviadores victoriosos, nem o desfile das **Misses**, nem cortejos de principes de sangue real ou de astros cinematographicos, de idolos politicos e heroes da Revolução — nada jamais conseguiu juntar tanta gente no Rio, como o toque de reunir de Momo, o rei louco de tres dias de loucuras.

Aquelle borborinho medonho, aquelle formigamento de povo, aquelle mar agitado de cabeças desvairadas, estronda em canções alegres, encrespa-se em ondas que batem de encontro ás casas e se espraiam pelas ruas adjacentes.

Desde as primeiras horas da tarde, a Avenida encheu-se e aquella gente toda que veiu de longe aos magotes, cantando, nos estribos dos bondes, nas capotas dos automoveis ou comprimida nos vagões, não arreda mais o pé, a não ser madrugada alta, quando a aurora começa a enrubescer a barra do nascente.

O cheiro de ether, de suor, de alcool e a poeira viciam a atmosphera. As gargantas estão roucas. Os pés cansados, doloridos. O corpo ameaça fraquejar a cada instante. Mas, não é o Carnaval? Então, toca a brincar! Mas um pouco de esforço, e a noite passará e com a aurora chegarão as horas amenas do descanso. Emquanto não — é preciso enthusiasmo, animo, alegria.

Hé, pessoal, toca a gritar. Vejamos a ultima canção:

"Cadê a minha phantasia"...

Ainda temos uns restos de **confetti** no bolso da camisa e uma gotta de ether cheiroso no lança-perfume.

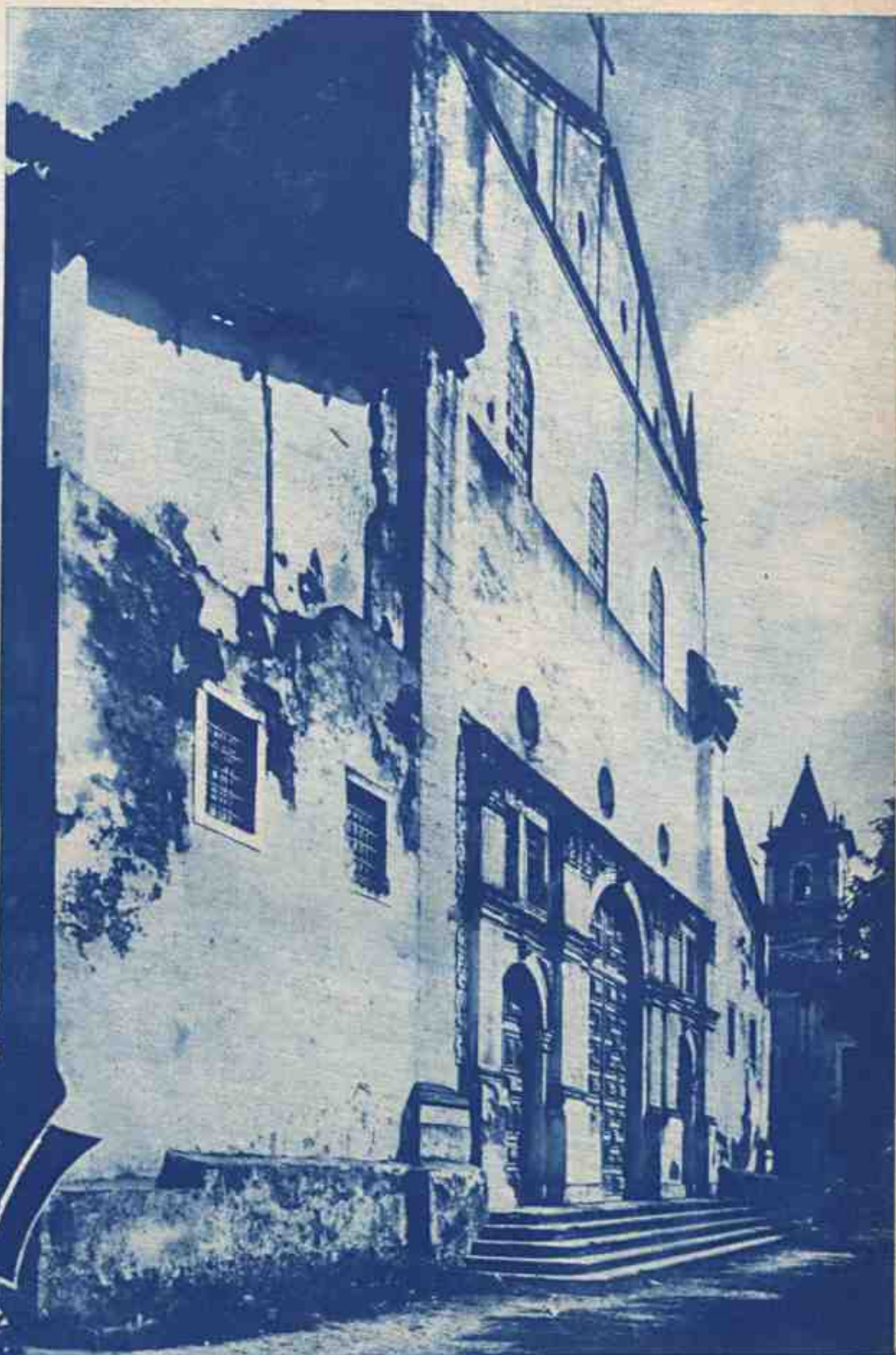
"Cadê a minha phantasia...
O meu palhaço."

O mar humano agita-se, guaia, revoluteia. Ha naufragos agarrados á escadaria do Municipal, sentados pelas calçadas da Cinelandia, dormindo nos portões da Bibliotheca Nacional.

Que religião tremenda a do Deus Momo!

**Leão Padilha**

NESTA minha visita recente á antiga metropole do paiz, estive no local onde foi a decana de todas as nossas Sédes Episcopaes: a Sé da Bahia. E foi com profunda emoção que relembrei aquelle templo venerando, onde, vae para quatro seculos, se installou solemnemente o primeiro bispo do Brasil, aquelle famoso D. Pedro Fernandes Sardinha, victimado pelos indios antropophagos do littoral bahiano. A Sé da Bahia, pela sua antiguidade e pelas suas chronicas, era, incontestavelmente, o templo mais historico e mais notavel do Brasil. Não era sómente um templo, mas tambem, um cemiterio. Nas suas naves silenciosas, pelas suas paredes de pedra, dormiam o somno ultimo os grandes da época. Eram governadores geraes, prelados illustres, capitães móres, politicos, intellectuaes de renome, todo um mundo de celebridades extinctas, emfim, repousando á sombra sagrada. Quando ali passei, ha uns seis annos, visitei, demoradamente, a velha Egreja. Era seu parocho, ou melhor, o cura da Sé antiquissima, o bondoso ancião, Monsenhor Cruz. Foi elle quem, como uma chronica viva, como um archivo ambulante, me serviu de "cicerone". Com a cabeça cheia de neve, com as mãos geladas pela velhice, o cura se integrava, a rigor, naquelle ambiente, onde se respirava o aroma dos seculos, o perfume inconfundivel da antiguidade. Tinha-se a illusão de se estar em presença de um contemporaneo das Edades desapparecidas e por elle evocadas, com tanta precisão e em meio a tantos pormenores interessantes. De cada um dos bispos e capitulares, ali

# A mais velha Sé do Brasil

Fachada principal da Sé da Bahia, ha pouco demolida

Altar do Santissimo Sacramento da Egreja da Sé, ornado todo de prata.

sepultados; de cada um dos titulares, ali repousando para sempre, elle contava episodios, anecdotas, feitos assimilados, rasgos de grandeza, um mundo de reminiscencias, em summa. Entre uma pitada de rapé — até nisto o cura era um passadista, a grande estylo — e uma porta que abria, o bom do parocho perfilava um daquelles magnatas, que enchiam com os seus despojos preciosos, o amplo sub-solo do tempo. E tudo aquillo me encantava, singularmente. Era como um evadido de um passado remoto reconstituindo, com muita graça e com muita fidelidade, esse passado, de que elle parecia um contemporaneo, uma testemunha ocular. Morreu, ha uns quatro annos, não assistindo, portanto, á demolição do templo a que tanto queria.

**Fortunate senex!** Afortunado ancião!

---

E, agora, ao rever o local sagrado onde foi a velha Sé, eu relembrei, commovido, a cathedral e o seu cura. Ficaram, eu imagino assim, na memoria grata de todos os bahianos. O templo, com a sua historia de quatro seculos, bem idos e bem vividos. E o cura, com a sua bondade e com os seus meritos de um "cicerone", que tudo informava, com excesso de carinhos, e, o que é mais, com abundancia de pormenores e imparcialidade maxima de chronista desinteressado e fiel.

Requiescant!

ASSIS MEMORIA

# AS GRANDES

O transatlantico "Mohawk" da marinha mercante americana, que abalroou com o "Talisman", a poucas milhas de distancia de Seagirt (New Jersey). O desastre assumiu horriveis proporções. Diversos tripulantes foram feridos e sucumbiram muitos passageiros. Os aspectos photographicos que aqui apparecem dão ao leitor uma visão do que foi, realmente, esse lamentavel sinistro maritimo.

A Sra. Carolina Diaz abraçando o filho, um dos passageiros do *Mohawk* que foram salvos. Mãe e filho encontraram-se no *Algonquin*, o navio que zarpou em soccorro do *Mohawk*.

Os corpos dos naufragos da "Mohawk" foram conduzidos para terra no cutter "Icarus".

Até ao momento só haviam sido encontrados trinta e dois cadaveres.

James Driscoll (á esq.), da tripulação do *Mohawk*, e Julius Jensen, dispenseiro do navio sinistrado, na ambulancia que os levou para o hospital da Marinha. Elles apresentavam varios ferimentos produzidos durante a collisão do *Mohawk* com o *Talisman*.

Este instantaneo foi apanhado de um aeroplano que voava sobre o logar do sinistro. Representa um barco-motor correndo para salvar um naufrago.

# CATASTROPHES MARITIMAS

## O NAUFRAGIO DO "HOKUMAN"

O naufragio do "Hokuman". — Nos derradeiros dias do mez de Janeiro, o vapor americano "Presidente Jackson" recebia, em aguas do Pacifico norte, pedidos de soccorro, que partiam do "Hokuman Marú", da frota commercial nipponica. Ahi vemos um grupo de tripulantes, salvos num bote do "Presidente Jackson".

✣ ✣ ✣

O cap. Kahei Iwata, na ponte do "Presidente Jackson", do Lloyd americano, conversa com o cap. Michael Jensen, que dirigiu os serviços de salvamento do outro vapor destruido, "Hokuman Marú". O cap. Iwata era o seu commandante.

# DE CINEMA

**Por MARIO NUNES**

## Assim nos falou um fan... da Warner Bros.-First National

Uma scena de "Miss Generala"

MARIO Renato de Castro ainda que affirme o contrario não é publicista de cinema sómente por vocação, o é tambem, por sua qualidade de "fan" furioso, "fan", muito naturalmente dos films e dos astros da Warner Bros.-First National...

Quizemos que nos falasse da producção a ser lançada de Março em deante:

— Primorosa!

Sorrimos. Não deu attenção ao nosso sorriso, ou fingiu.

— Maravilhosa! Vou fazer apenas uma enumeração secca de titulos e nomes... Depois, na sala de projecções, apresentarei ao amigo uma amostra. Com ella responderei ao sorriso...

Sorrimos, de novo.

— Tome nota, peço! Primeiro "Anthony adverse", versão cinematographica de um dos livros mais vulgarizados nos Estados Unidos, edições successivas de milhões de exemplares, etc., etc., elenco só de figuras maximas. Seguem-se "Gold Diggers of 1935", com Dick Powell e Gloria Stuart; "Black Fury", com Paul Muni; "Doce Adelma", Irene Dunne e Donald Wods, musical; "Adeus a Shanghai", com Dolores del Rio e Franchot Tone, romance; "Mulheres e Musica", Ruby Keller e Dick Powell, revista; "Esquadrilha Lafayette", aventuras; "Sweet Music", Rudy Vallee e Ann Dvorak, musical; "Casino de Paris" — maior que Wonder Bar, Al Jolson e Ruby Keller; "Espionagem", Kay Francis e Leslie Howard, emoção; "Romance em Caliente", Dolores del Rio e Franchot Tone; "Cantor de Napoles" Eurico Caruso Jr., musical; "Capitão Blood", aventuras; elenco estellar; "Felicidade pela frente", Dick Powell e e Josephine Hutchinson, musical; "A Barreira", Paul Muni, drama; e "Miss Generala", direcção de Borzage que meu amigo vae ver daqui a pouco por causa dos seus sorrisos...

— E ha mais porque esses que acabo da citar são os grandes films, os exitos retumbantes. Ha toda uma serie de bellezas menores que tornam a producção da Warner Bros.-First National inegualavel... E ennumerou: — Por Barbara Stanwek: "A mulher que eu achei" (Sort Lady), "North Shore", "Woman inred"; Kay Francis: "Living ou Velvet" com Warren William, "The perent from Margote", "The goore and the goudel"; Robinson: "Money Man", "Passaport to fome"; Warren William: "The care of Howluig Dog"; Marion Davies: "Page Miss Glory" e mais quatro outros; George Brent: "Haircut", "King of the Ritz"; William Gargou e Patricia Ellis: The Florentine Dagger"; Margaret Lindsay e Donald Woods: "Troveling Laleslady"; Joan Blondell e Glenda Farrell: "Oil for the Camps of Chine; Josephine Hutichinson e Pat O'Brien: "The grein cat"; Bette Davis: "Woman are Bun newspaper men"; Glenda Farrell: "The White Cockatoo"; Jean Muir e George Brent: "The Firebird"; Veve Teardale, Jean Muir e Ricardo Cortez: "Molly and me"; Joe E. Bronw, (musical): "White the Patrient Liegt"; Aluir Mac Mahon e Guy Kibbee: "Wanderlurt"; Aluir Mac Mahon e Guy Kibbee: "Go into your dance";

E sem nos deixar respiar:

— E agora venha! Venha ver "Miss Generala"!

Fomos. Vimos! Mario Renald tinha razão! Um encanto. A sublimidade virtualisada.

Dick Powell e Ruby Keeler em "Miss Generala"

Dolores Del Rio

Warren William

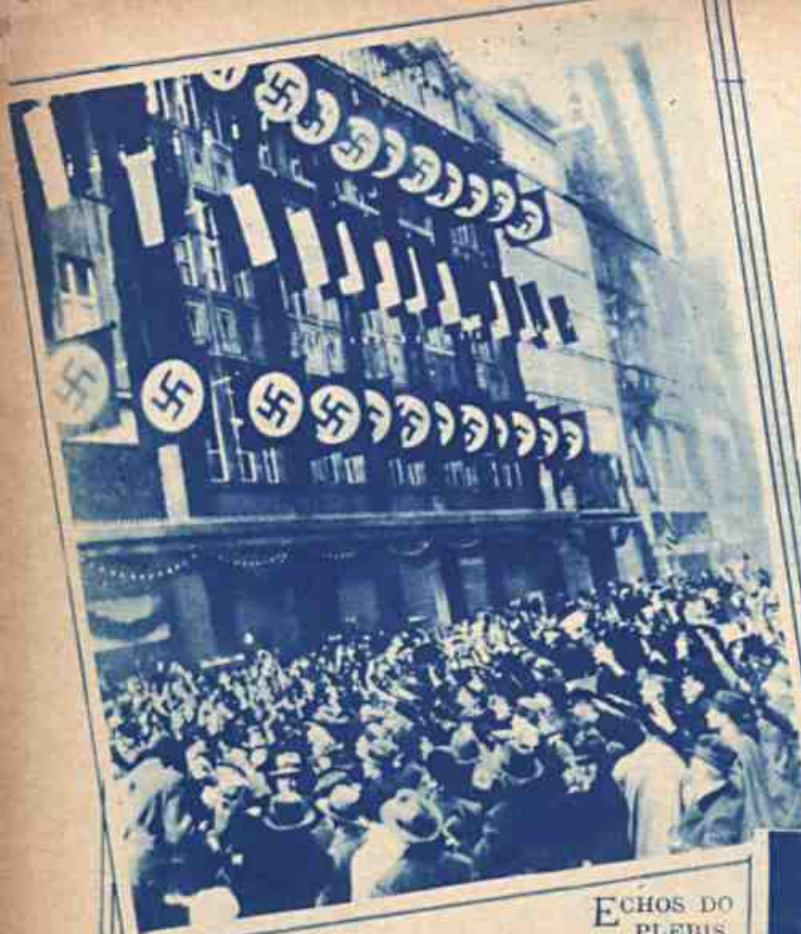
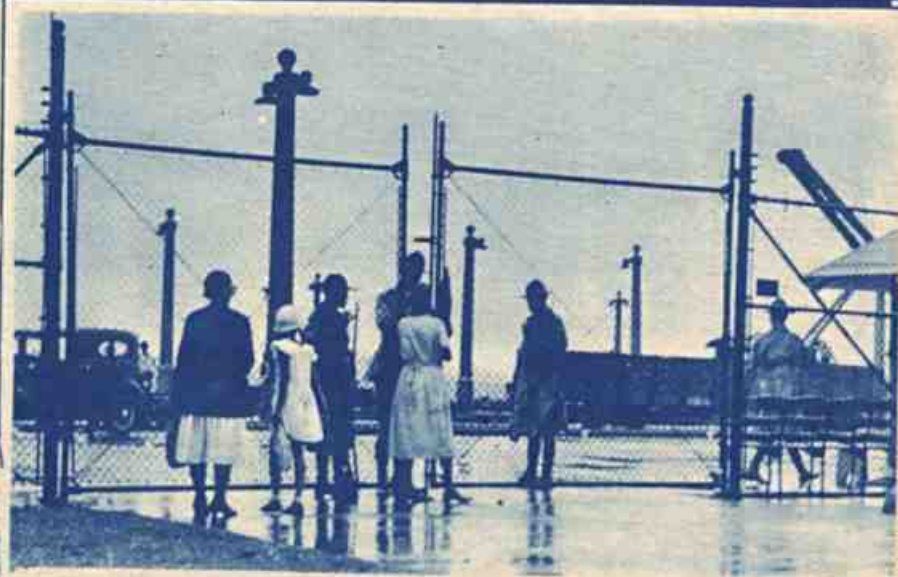


Ann Dvorak

Kay Francis

Leslie Howard

Barbara Stawnyck

# O MUNDO

ECHOS DO PLEBISCITO DO SARRE — Após a proclamação dos resultados da votação, que constituiu um triumpho enorme para Hitler, os Nazistas coroaram suas passeatas civicas pelas ruas de Sarrebruck, levando a effeito uma grande manifestação de regosijo defronte ao Centro dos Hitleristas.

DESTRUIÇÃO DE UMA REPRESA — Nos primeiros dias do anno, pretenderam dynamitar uma represa do canal do Panamá. O governo americano tomou sérias providencias, postando soldados á entrada do canal, que impediam a approximação de extranhos.

O "MOINHO DE VENTO" HUMANO — E' Lou Ambers, boxeur americano, assim denominado por sua extraordinaria destreza. Eil-o no ring do Madison Sq. Garden em frente a Harry Dublinsky (á esquerda). Arrebatou a victoria com um pesante "esquerdo" e um formidavel "right cross" no antagonista.

DIA DE GALA NA CASA BRANCA — O Embaixador da Argentina nos Estados Unidos, D. Felipe A. Espil, e sua esposa, quando deixavam a Embaixada, em Washington, para ir a uma recepção na Casa Branca.

OS REIS DOS BELGAS VERANEANDO NA SUISSA — Os jovens soberanos da Belgica em pose especial para o "cameraman" da International News Photos. Leopoldo e Astrid sorriem, parecendo antever um porvir sempre fagueiro como aquella natureza.

# EM REVISTA

UMA VISTA DE SAN FRANCISCO — É este local onde, em 1938, terá logar a exposição internacional com que os Estados Unidos pretendem commemorar a inauguração da ponte unindo San Francisco a Oakland. Ao fundo, distinguem-se as cidades de Berkeley, Oakland e Piedmont.

O CASAMENTO DA INFANTA BEATRIZ — A princeza Beatriz, filha do ex-rei da Hespanha Affonso XIII, quando chegava á velha egreja de N. S. Jesus Christo, em Roma, para a realização de seus esponsaes com o principe Alexandre Torlonia, descendente da illustre familia dos Moore, de Nova York.

CAVALLEIROS DA PAZ — Instantaneo da chegada á Roma do Sr. Pierre Laval, chanceller da França, que negociou com o "Duce" (á direita) o accordo franco-italiano.

NO BANCO DOS RÉUS — Bruno Hauptmann, na sala de julgamento do Jury de Flemington, no momento em que o advogado de defesa é chamado para se fazer ouvir.

VIAGEM INTERCONTINENTAL — Robert Wilson (á esq.) e o Dr. Richard Light aportando a New York, depois de uma longa viagem á volta do mundo. Entre os 26 logares que visitaram incluem-se a Groenlandia, a Europa, as Indias, as Philippinas, Vancouver, etc. O percurso da viagem foi calculado em 29.000 milhas.

# A ILHA do ENGENHEIRO

Nesse tempo o Amazonas ainda não fôra invadido pela corrente migratoria que extravasava do nordeste e se infiltrava por todo o valle, faminta e imprevidente, atirada á mais perigosa das aventuras.

A *Hevea brasiliensis* vivia intacta na jungla temerosa. As castanheiras davam as suas nozes e o seu oleo apenas para indios e caboclos. Ninguem conhecia a arvore martyr da gutta-percha. A industria, ainda pobre, não ia além dos chapéos de *múrúmúrú*, das redes de *tucúm*, dos paneiros de farinha-d'agua. E na immensa mesopotamia do septentrião brasileiro a vida corria singela e serena entre a abundancia das roças, os proventos da caça e da pesca e os primeiros campos de gado.

Foi nessa época de farta, socegada existencia, que o Capitão José Feitosa, um paráense que viera havia tempos de Cametá e se tornara o maior Fazendeiro da região, resolveu demarcar as terras da sua Fazenda no baixo Solimões.

Resolveu, foi ao Pará e de lá trouxe um Engenheiro para dirigir os serviços.

✣ ✣ ✣

A vela e a remo a embarcação que o trazia de volta subia lentamente o Amazonas.

O Engenheiro admirava pela primeira vez o grande rio, e ao fim de alguns dias, deslumbrado com os scenarios, com a quietude, com as riquezas da terra inexplorada, começava a sentir desejos de ali permanecer, trabalhar, viver serenamente no esplendor e na fartura da desmedida planicie.

Essa idéa ia cada vez mais dominando-lhe o espirito, e na costa deserta de Urucurituba, ao ver a ilha enorme de terras alluvionicas, ainda nova, com a vegetação apresentando um aspecto novo e franzino, bem ao meio do Amazonas, firmou logo o projecto de ali fazer uma soberba exploração agricola.

Decidido e exaltado, transmittiu os seus planos ao Capitão Feitosa:

— Encontrei o que tanto venho desejando! Essa ilha...

O Capitão interrompia-o, informando:

— *Ilhas das garças*, ou *Ilha de Urucurituba*. Tem uma dez annos, mais ou menos e está deshabitada. Faz parte de uma posse que comprei a um caboclo, ha tres annos. Terras baixas... dinheiro perdido...

O Engenheiro proseguia, sem desanimos:

— Essa ilha é uma fortuna. Derrubada a mattaria, queimada, póde-se fazer uma estupenda lavoura de cereaes. Planta-se e colhe-se nos seis mezes da vasante. As aguas da enchente cobrirão as terras e nellas deixarão nova seiva. E' excellente!

O Capitão admirava os projectos do Engenheiro. Realmente, era uma fortuna! A ilha teria talvez quarenta ou cincoenta hectares de boa varzea. Estava ali, bem localisada, no meio do rio, por onde passavam todas as embarcações. Na verdade, era prodigioso; e elle nunca pensara nisso...

Resoluto, o Engenheiro indagava do preço da ilha. O Capitão Feitosa explicava a origem da compra: um caboclo que lhe comprara gado e perdera tudo num naufragio no Solimões. Possuia um sitio na terra firme de Urucurituba e a ilha em frente ao sitio. Ficara com tudo e dera quitação. Um conto de réis, mais ou menos.

E logo, satisfeito, concluiu ali mesmo a transacção. O Engenheiro demarcaria a Fazenda, e como pagamento receberia a ilha que o fascinara.

✣ ✣ ✣

Durante seis mezes o Engenheiro viajou e demarcou a vasta Fazenda do Capitão Feitosa. Num mez de Junho, quando o grande rio em plena cheia, reluzente e largo, inundava as varzeas, subia nos igapós, nos lagos, nos *furos* e nos paranás, penetrando nas florestas, elle descia o Solimões, entrava no Amazonas, inquieto, ansioso por ver os seus dominios e iniciar logo na vasante proxima os seus trabalhos de agricultura.

Descia, approximava-se de Urucurituba.

E numa clara manhã poude ver, emfim, a costa enorme desdobrando-se numa infinita enseada. Mas a costa, apenas! A ilha desapparecera! E o Amazonas soberbo, desmedido, refulgente, corria de margem a margem, levando na correnteza formidavel os seus milhares de metros cubicos de sedimentos, os seus balseiros de ramos e galhadas, os seus *periantans* de canuarana, todos os elementos com que a sua dynamica maravilhosa iria erguer em outras paragens novas terras, novas ilhas, novas surpresas para o homem.

CONTO DE

Aurelio Pinheiro

# MOMO, A Resurreição de Baccho

Por DE MATTOS PINTO

Os festejos de Momo, este moderno Sabbat das alegrias e das gargalhadas, parece bem ter sido gosado pelos antigos. E si não o foi no n o m e, certamente possuiram-no nos saltos, nas cantigas, nos movimentos livres, na bufoneria, no instincto profundo, que manda o corpo se desforrar do cilicio do espirito. Buchet-Cublize faz derivar o Carnaval da antiguidade, com os seus festins, a sua periodicidade, a sua licença, as suas marcaradas, os seus cortejos, as suas dansas. Como o nosso tempo, os antigos sentiram a seducção da physiologia do Riso.

A tumultuosa dansa das Bacchanaes, fascinou os sentidos humanos da antiguidade. Ao grito atroante de **EVOHÉ!**, mulheres e homens cantarolavam, se contorciam, batiam os cymbalos, sopravam os pifanos. Na Grecia, celebravam as Bacchanaes, quatro vezes por anno, Dezembro e Janeiro, Fevereiro e Março. Recebendo o cerimonial dos Gregos, exaggeraram a sua pratica, os Romanos. Pouco a pouco, ellas se tornaram frequentes, os ululos bacchicos reboavam todos os dias. Ahi, o festejo mythologico degenerou. De contentamento religioso, onde o vinho alegrava o corpo e o corpo se divertia com a alegria do vinho, as Bacchanaes se converteram em dansas epilepticas e lugubres: **BROMIUS,** o deus do estrepito, viu os seus adoradores rolarem de furia em furia. Bacchanaes alquiriram formas assustadoras, com delirios, berros, violencias, contorsões. Cabellos revoltos, o olhar esgazeado, as mulheres pinoteavam e com dansas babelicas, mergulhavam tochas incandescentes n a s aguas do Tibre. O frenesi provocou a Reacção do Senado Romano, que prohibiu no anno 186, antes de Christo, a pratica do culto de Baccho. Tito-Livio fala da interdição do Senado.

Buchet-Cublize reputa a idéa malevola, que os povos modernos fazem da alegria de Baccho. Pelo menos deve ter sido, um contentamento puro, na Grecia, porque Euripides das **BACCHANTES,** de **SANTAS ORGIAS,** o que dá ao Carnaval, uma origem honesta. "Porque não estou eu, na Ilha de Venus, nos bosques de C h y p r e o n d e habitam os amores, q u e encantam os c o r a-ções dos mortaes, e em Paphos, que fertiliza o rio de cem embocaduras, que não recebe jámais as aguas do céo? Ou nos sagrados valles do Olympo, delicioso retiro das Musas Peridas. Conduzi-me a esses logares Bromius, deus das Bacchantes! Ahi, moram as Graças e o Amor! Ahi, as Bacchantes celebram em liberdade, as tuas santas orgias!". Assim cantava Euripides, a alegria das Bacchanaes, o festim estridulante, que inspirou quadros memoraveis a Ticiano e a Poussin. Porque Baccho encarnava bem a sonoridade jovial, davam-lhe os antigos, tambem o nome de **BROMIUS,** que significa: **RETUMBANTE.**

Insatisfeitos de explicar pelo mytho e pela historia, a procedencia bufã de Momo, a imaginação recorreu a etymologia. Apezar de Littré e Le Bas, acharem incerta e confusa as decifrações etymologicas, outros tentaram fazer psychologia do divertimento, dissecando o vocabulo, examinando as articulações: Flammarion remonta ao baixo latim, **carnelevamen,** significando o **ARROUBO DA CARNE.** Menage tira do italiano, **carnavale,** que se traduz o **ADEUS A' CARNE.** Philosophicamente, Du Cange rebuscou a expressão **carn-á-val,** querendo dizer a **CARNE SE VAE.** Talvez prevendo a Theoria da psychonalyse, onde Freud pinta a rebeldia do inconsciente, as paixões recalcadas, Rabelais decifrou **CARNIS LEVAMEN,** que se póde ler o **DESAFOGO DA CARNE.** Tudo leva a vêr em Momo, o exuberante Baccho dos tempos modernos.

# FERTILIDADE INVENTIVA

**Machina para pentear macacos**

A primeira invenção do homem foi a tal da tanga feita com folha de parreira, embora não saibam quem foi que a plantou no Eden.

Depois desse invento, cujo privilegio pae Adão não se preoccupou de registrar, os inventos succederam-se sem cessar.

Eva inventou a moda e a cada vestido que inventava despia-se mais; quando nada tinha que inventar, os caprichos entravam em scena.

**O inventor da camisa systema Marconi (sem fio)**

Bem cedo inventaram o amor e foi esse invento que levou o Creador, escandalizado, a requerer o despejo desse casal genial e genioso.

Cahiram no mundo e mal se viram sós inventaram o casamento e, o que foi peor, acharam o meio de perpetuar a raça, seguindo um methodo tão genial e seguro que até agora, depois de milhares ou milhões de annos, continúa sendo o mesmo.

Quando Adão, damnado com as manhas della, administrou-lhe a primeira surra, das cacetadas soltaram faiscas e nasceu o fogo, e dahi veiu a cosinha. (Naquelle tempo não se conhecia a electricidade nem os fogões a gaz).

Quando a familia, graças ao invento que já mencionámos, tornou-se numerosa e "pesada", cogitou-se de inventar o trabalho. E foi uma pessima idéa, essa de inventar o trabalho. Ainda hoje ha quem procure esse desgraçado de inventor para descarregar-lhe no lombo uma boa duzia de cacetadas.

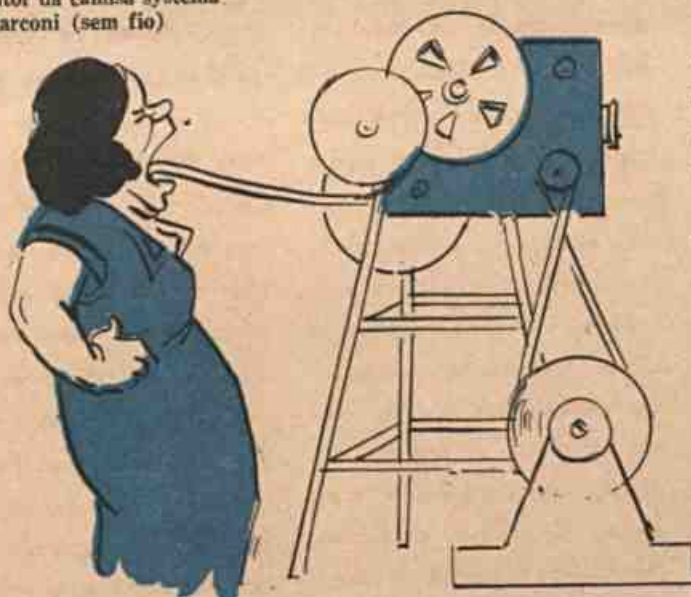
Descoberto o trabalho, entraram em scena os negocios, honestos, deshonestos, mentiras, hypocrisias, ambições, traquimoias, roubos, invejas e para dar um escapamento livre a estas... virtudes, foi necessario inventar o crime, occupando-se dessa tarefa o Snr. Caim, que mais avisado estaria se tivesse já pensado num revólver a resolvido sobre o alibi á moderna. Foi, entretanto, o primeiro a constatar psychanalyticamente, as phases do remorso, um sentimento que agora é rarissimo nas consciencias modernas.

O primeiro descobridor da polvora foi o padre Schwarz, que com isto estabeleceu o culto da guerra; que é um meio de ter razão quanto esta falta.

Inventada a polvora, explodiram inventos de armas aos milhares. Projectores e projecteis, balas e balões, canhões e cannibaes, tangos e tanks.

Dahi para o peor e o pessimo foi questão de um passo.

Phonographo, telephone, radio, electrocução, contas do gaz, impostos, caixas de aposentadorias, alugueis, agentes de seguros, apregoadores de loterias, berrospeaker y **otras cositas más.**

Isto não basta, pois temos que accrescentar outras tantas invenções, cujo privilegio ficou na estratosphera, a saber: Machina para pentear macacos, registradora para contar lorotas, apparelho para cumprimentar com chapéo alheio, machina para dar lucro sem trabalho, medidor de macarrão, registrador da edade feminina, distribuidor automatico de pancadas, cinema para cegos, radio para surdo-mudos, apparelho para dar banho sem agua, methodo de musica sem notas (jazz), microphone especial para gagos, lanterna synthetica para ladrões, Block-system para evitar encontros de trens e de idéas.

**Eva, o carnaval ta'hi**

**Utilização da lingua da sogra para film de cinema.**

Como se vê o espirito inventivo da humanidade não pára, avança phreneticamente para o absurdo. Relatividade, raios cosmicos, electrons, neutrons, divorcios instantaneos, desfalques sensacionaes, crimes inextricaveis a base de emanações venenosas do pensamento, irradiações ultra-mau-olhado, macumbas hypernoticas, nomes novos para doenças velhas.

E não ha quem invente um meio de acabar com os inventores!

**YANTOK**

**Boxeadora automatica**

ACREDITEM ou NÃO
POR STORNI
VOCÊ ME PARECEU SINCERA MAS NÃO ERA...
No concurso de marchas e sambas não prevaleceu a opinião do povo, como sempre... A consagração seria para a marcha do Oswaldo Santiago se o jury tivesse agido de accordo com o publico.
O **foot-ball** continúa a atrapalhar os laços de confraternidade entre as nações amigas.
CAMBIO
Foi liberado o cambio. Agora mesmo que elle vae subir á stratosphera!...
OURO
Foram entregues ao Banco do Brasil mais 772 kilos de ouro. São as injecções de "ouro" para o grande tuberculoso...
LIGA DAS NAÇÕES
Os bailes coloridos que a empresa Lux vae exhibir este anno no Palacio das Festas vão apresentar phantasias de actualidade que irão causar verdadeiro successo!
A Central vae ter automotrizes. Os pingentes estão de parabens! Vão morrer a grande velocidade!
MARINHA
CIVIS
GUERRA
REAJUSTAMENTO
Continúa o grande supplicio das classes armadas e do funccionalismo! O **reajustamento**, que vem sendo promettido desde 1930, acaba felizmente de ser promettido outra vez!...
QUE COISA LOUCA!
COMMERCIANTE
LAVRADOR
Vae ser creado a Defesa do Algodão!
Que horror! Elle que ia tão bem e estava em tão franca prosperidade!
Em breve, irá fazer companhia ao Café!...

# OS BAILES A FANTASIA DOMINAM O CARNAVAL CARIOCA

A PARTIR de sabbado, até quarta-feira proxima, ninguem terá mais, nessa immensa cidade de S. Sebastião, cabeça para pensamentos graves. E' só Carnaval — com os accessorios de Momo: bailes, fantasias, serpentinas, lança-perfumes, "confetti", mascaras, "corso", etc.

A partir de sabbado, o Rio se transforma num reino maravilhoso. Uma alegria esfusiante e sonora rola pelas ruas. Por toda parte se abrem os grandes salões de festas. Bailes de mascaras por todos os cantos. A musica, o canto, o ruido das dansas explodem de todos os lados. E todos os salões mais do que cheios, superlotados, vibrando numa festa de côres e de sons a que ninguem resiste. O carioca está largando, pouco a pouco, a alegria solta do Carnaval de rua, pela *féerie* do *bal-masqué*. Por isso mesmo, os bailes são cada vez mais brilhantes e luminosos.

O do Municipal, que já é uma tradicção elegante da nossa *élite*, na segunda feira gorda, marcará o seu maior triumpho, este anno, que se acha entregue á Commissão de Turismo da Prefeitura.

Os bailes do Casino Atlantico, no Posto 6, attrahem a attenção geral, por se tratar de um centro novo.

A festa de estréa foi formidavel.

Outra attração notavel do Carnaval interno, deste anno, são os "bailes coloridos" do Palacio das Festas e os famosos, tradicionalismos do High-Life, remoçados por uma decoração e adaptações originaes.

As creanças, tambem, têm as suas festas, entre as quaes sobresae o baile infantil do João Caetano.

A lista é longa e não acabaria mais. O que ahi está, é bastante para dar uma idéa do que será o Carnaval interno deste anno.

Theatro Municipal

Casino Atlantico

Palacio das Festa

Theatro João Caetano

# A ULTIMA Aventura

Por ORLANDO DE SOUZA

AQUELLE amor surgiu do acaso. Nasceu numa sessão de cinema, num intervallo de um film da Ufa, num choque fortuito de meus olhos com os de Alda de Andrade. E foi o bastante para me incommodar, me perturbar.

Havia razões, sim senhor! Razões de consciencia, pois eu sempre fui muito escrupuloso, muito timorato. E não deixava de ser peccado, ao menos venial (eu assim entendia) o namoro de uma donzella com um casado que vivia burguezmente feliz, num lar de relativo conforto entre os afagos sinceros de uma casta e formosa esposa e as travessuras de dois bébés, levadinhos da breca.

Commodista por indole, bonacheirão, fóra 4 ou 5 horas de serviço de escriptorio, eu estava sempre em casa á vontade, de pyjama e alpercatas, lendo jornaes, trocando idéas com a esposa que só lia livros asceticos ou doutrinarios, devidamente approvados pela Egreja, ou ouvindo Radio, ou ás voltas com as creanças.

Lá, de quando em quando, ia a uma sessão de cinema.

São as razões por que me perturbava com aquelle namoro em embryão. Mas, no intervallo seguinte, eu ficava entre a curiosidade de saber se Alda olhava para o meu lado e o medo de continuar com aquelle namoro.

A curiosidade venceu: e o "flirt" proseguiu.

Atormentado com os escrupulos, receoso de ter infringido, já, o sexto mandamento, cheguei a casa confuso, enleado, tanto que Celia, minha esposa, perguntou, incommodada:

— Você está differente! Houve alguma cousa?

— Nada. São os effeitos suggestivos do film.

— Bonito?

— Commovente, Celia!

— Conte para mim, amor!

Passou o braço ao meu pescoço, enleou-me, pura, sincera. Tinha sempre dessas caricias, dessas ternuras affectuosas.

Tive remorsos do namoro com Alda. Inventei, então, uma historia tragica qualquer que a Ufa nunca filmára mas servia de desculpa á minha perturbação patente.

O namoro com Alda continuou constante, perigoso, nos encontros de acaso, nas sessões de cinema, que eu agora frequentava a miude e sempre só, porque Celia zelosa da saude das creanças, não as confiava ás empregadas, na sua ausencia. Ou as levava, ou ficava com ellas. Leval-as não era de bom alvitre porque dormiam cedo e davam trabalho. Consequencia logica: Celia ficava e eu ia só.

Tempos depois, como havia uma festa intima na residencia do Dr. Pacifico Moraes, convidei Celia para irmos cumprimentar o anniversariante e dansarmos um pouco.

Allegou o classico motivo: as creanças. Tambem preferia mais ficar fazendo qualquer trabalho de agulha do que ir: não apreciava reuniões, nem bailes. Que eu fosse; deviamos muitas attenções ao Dr. Pacifico. Que dansasse tambem; não ficava bem ir e não dansar.

Sahi, illudindo a mim mesmo que ia cumprir um dever, pois o Dr. Pacifico era bom amigo. Mas o motivo principal era outro, tanto que, bem adeante, apalpei a algibeira interior do paletot para certificar-me de que não tinha esquecido em casa uma cartinha de Alda toda perfumada, para que eu não deixasse de ir á festa do Dr. Moraes.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Um jazz repetia as musicas do ultimo carnaval.

Dansavam.

O Dr. Moraes e Alda conduziram-me, após uns instantes de palestra, a um compartimento reservado, "o logar dos doces e dos licores".

Alda estava linda, no seu vestido de organdy leve, estampado de rosas de variadas côres, muito decotado, apresentando os braços e as costas de uma brancura, de um perfume inebriante.

O Dr. Moraes começára uma historia de seus tempos de estudante, bons tempos aquelles em que o proprio imperador ia presidir aos exames, premiando os alumnos que mais se distinguiam. Mas como a chegada de novos candidatos reclamava a sua presença na sala de visitas, o Dr. Pacifico Moraes sahiu, recommendando á Alda que continuasse a ser a minha gentil e honrosa garçonnière. Alda sorriu e offereceu-me uns "sonhos".

— Sonhe commigo, ouviu? — disse, brincando.

— Sonho sempre comtigo — adeantei.

Ella olhou-me, lasciva, insinuante.

Bebeu commigo dois ou tres calices de licor, sorrindo, "flirtando". Fascinado, embriagado pelos olhos, pelo sorriso, pelo encanto de Alda, peguei-lhes as mãos, apertei-as, tremulo, medroso.

Ella sorria, languida, amorosa.

Detivemo-nos num olhar longo, apaixonado, sensual. Depois, num impulso voluptuoso, tomei-lhe a cabeça nas mãos e beijei-a, cinematicamente.

O riso do velho anniversariante veiu pelo corredor, estridente, gostoso. Separámo-nos. O Dr. Moraes entrou com novos convidados, brincando, dizendo que eu e Alda fossemos dansar que já tinhamos comido doces em quantidade.

Fomos para a sala de baile. Dansámos vezes sem conta, unidos, trocando amabilidades.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Quando cheguei a casa, á uma da manhã, bati medroso, culpado.

Celia veiu abrir a porta.

Coitada! Recebeu-me com um sorriso de bondade, de santa; perguntou-me, brincalhona, se não lhe havia trazido um docinho no bolso, furtado, ás escondidas, na mesa do Dr. Moraes.

E tornou ao ponto de malha, dizendo-me que quasi terminára a casaquinha de Dulce, durante o tempo em que eu estivera ausente.

Eu admirava aquella ingenuidade santa, aquella dedicação ás cousas domesticas, aquelle alheamento a tudo que fosse extranho ao lar. E, emquanto tomava o chá quentinho que ella me preparára, ia-lhe observando.

Estava sentada, meio curvada, com o manteau de reps de lã listrado, meio aberto, deixando apparecer um pouco da camisa de noite em crepe da China rosa, enfeitada de rendas. Sob o abat-jour rosa, num extraordinario effeito de luz, no abandono dos modos caseiros, eu achei Celia de uma belleza fascinadora, deslumbrante.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Alda, encontrando Celia, depois da missa dominical, lisonjeou-a, traidora, fez festas aos garotos e attrahiu a sympathia de Celia, passando a frequentar a nossa casa.

Eu tinha um medo de Celia descobrir tudo... eu tinha um medo de um escandalo! Mas Celia, nessas cousas de coração, era de uma inexperiencia, de uma ingenuidade sem limites.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Mas aquelle namoro, aquellas intimidades compromettedoras entre mim e Alda de Andrade não deviam continuar mais.

Ella, solteira, filha de familia distincta, fadada a um casamento digno e venturoso; eu, casado, gosando de immerecida fama de seriedade.

Os meus escrupulos, os meus temores augmentavam dia a dia.

Philosophava commigo mesmo, procurava formar a consciencia: verdadeiramente, nunca tinha sido infiel á esposa; não era, portanto, um adultero, embora, muitas vezes, segundo o Evangelho, já houvesse peccado de co-

# GIGANTE VEGETAL

Um gigantesco jequitibá de 34 metros de comprimento e 2,m40 de diametro, abatido nas florestas de Cassia, Estado de Minas. Gloria do reino vegetal, essa arvore attesta bem a maravilhosa uberdade do nosso solo e a riqueza das nossas mattas.

ração, consentindo em pensamentos de infidelidade...

Uma manhã, ouvi Celia, ingenuamente, sem segunda intenção, ler um capitulo de um livro de São Francisco de Salles sobre a Castidade.

Após a leitura, fechei-me no quarto e fiz, em regra, um exame de consciencia sobre o meu "caso".

Nesse mesmo dia, como de costume, esperava Alda no meu escriptorio, não para os abraços e beijos habituaes, mas para resolvermos a pôr fim ao nosso namoro sem futuro.

De portas fechadas, no interior do escriptorio, num terceiro andar, com maneiras delicadas, conselheiras, sem lhe offender o amor proprio, eu ia fazendo ver a Alda que se descobrissem as nossas intimidades, ella que tinha deante de si um futuro promissor, que era moça distincta, formosa, teria seu nome compromettido. De mim, como casado, ella nada podia esperar; e se continuassemos no caminho em que iamos, era só mais um passo e estariamos no abysmo: eu seria um adultero, e Alda...

— Então, que pensa você de mim? — perguntou Alda, interrompendo-me, com uns ares severos.

Aquella inesperada pergunta e aquella attitude grave me surprehenderam. Fiquei perplexo, mudo.

Então, Alda censurou-me asperamente.

Nunca pensára que eu fizesse della semelhante juizo, que eu a comparasse ás levianas! Nada acontecera entre nós que nos pudesse comprometter. Foram, apenas, umas brincadeiras innocentes. Falava com uma naturalidade estudada, com uma dissimulação irritante.

— Alda, você não se lembra dos nossos encontros, dos nossos...

— Lembro-me de uns encontros fortuitos, de umas brincadeiras sem malicia. Nunca pensei que o senhor ia julgar mal da minha honestidade.

Tratava-me, agora, com senhoria, num cynismo revoltante.

— Alda, attende!

— O senhor merece o meu despreso!

E deu-me as costas. Ia naquelle gesto todo o seu despeito, toda a sua vingança.

Fiquei indeciso, confuso.

Alda tornou-se minha inimiga.

Voltei á vida tranquilla e santa do lar.

Hoje, para mim, o mundo se resume em Celia, no Radio, nos jornaes, na leitura de livros catholicos e nos meus dois garotinhos, levadinhos da breca.

Vivo burguezmente feliz, sem escrupulos, sem temores.

Francamente, não nasci para as aventuras amorosas. O "caso" de Alda foi a minha primeira e ultima aventura de casado.

Os que tomaram parte no almoço que o nosso confrade Lazaro Rodrigues de Souza, director da "Revista Automobilistica", offereceu no Automovel Club por motivo do seu anniversario natalicio.

*Enlace Dr. Aluizio Guimarães — Senhorinha Alba de Lima.*

Os noivos cercados de seus padrinhos, parentes e amigos, á sahida da matriz da Gloria, onde foi celebrado o acto religioso.

*Dr. João Lisbôa*, prestigioso chefe politico mineiro, que vem de obter em sua zona eleitoral, que é Lambary, brilhante votação para deputado á Constituinte estadoal. Ao illustre politico foi offerecido, por amigos e admiradores, um grande banquete a 16 do corrente, como homenagem pela victoria que alcançou nas urnas no ultimo prélio eleitoral.

**Os que tomaram parte no almoço offerecido ao Dr. Ramos e Silva, ha dias, no Automovel Club, por motivo de seu brilhante concurso para livre docente da Faculdade de Medicina e Cathedratico da Faculdade Hahnemanniana.**

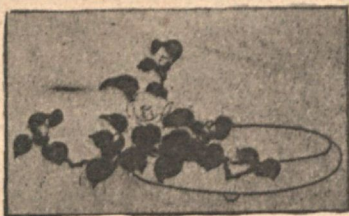
## Senhorita...

Desde que o Carnaval acaba, a vida normaliza-se. Se ainda se aviva a lembrança do baile do Municipal, das folias nos Casinos, voltamos a pensar nos vestidos praticos. O traje civil, assim, volta a baila. Por isso mesmo os figurinos de hoje hão-de interessar as leitoras.

Os tecidos listrados, de seda fôsca ou de linho, os lisos tambem estão naturalmente indicados para os modelos desta pagina.

**Sorcière**

# DE TUDO UM POUCO

## COISAS DO JAPÃO

O arranjo de flores é uma arte que occupa logar importante na vida quotidiana japoneza, sendo praticado e apreciado no seio de quasi todas as classes sociaes. Um aprendizado no arranjo de flores faz parte da educação de toda menina nipponica, de modo que o amor pela belleza das flores e das plantas se vem arraigando, atravéz do tempo, no coração do povo. Constitúe, assim, precioso legado procedente das origens do Japão, do periodo legendario em que a flor era offerecida em holocausto á Deusa Sol. O maior desenvolvimento da arte de cuidar as flores verificou-se na edade média, quando os grandes chefes militares garantiram as artes da paz, taes como a cerimonia do chá, o arranjo das flores, a jardinagem, o theatro "nok" e a pintura. Não foram ellas estudadas apenas por prazer mas como fontes de adestramento mental. Certamente, a realização de taes cousas levou os chefes do antigo Japão a devotar grande parte de tempo e o melhor da energia de cada um ao que a principio parecia pratica feminina, incapaz de offerecer attractivos a guerreiros.

A principal escola classica de "flores vivas" ou "ikebana' teve origem lá para o anno de 1400 da nossa éra, afastou-se da rigida symetria da velha escola chineza, e procurou um subtil equilibrio de desigualdade, de modo a dar ao conjuncto, a despeito de certas convenções artificiaes, o aspecto vivo. Tudo isso concorreu para se dar attenção ao tratamento das flores e das plantas, de modo que ellas mantivessem ou retomassem a frescura natural pelo maior espaço de tempo possivel, depois de colhidas.

Costume de Jersey azul anil.

## A ARTE DA TAPEÇARIA

CAMAFEU CHINÊS - LUIZ XV.

O mais bello periodo para a tapeçaria de agulha foi o da Renascença, epoca que marca o inicio da famosa collecção conhecida pelo nome de "la Dame de Licorne", em exposição no museu de Cluny. Taes tapeçarias, com motivos de paizagem, figuras, architectura, são bem caracteristicas de arte dos seculos XV e XVI. Por isso se fizeram bordados em "canevas" inspirados nas pinturas flamengas e italianas, influenciadas pela visão de um Van Dyck, de um Mantegna, de um Leornardo da Vinci. Emquanto os "senhores" guerreavam na Italia, as bellas duquezas, curvadas sobre os bastidores, applicavam-se aos trabalhos de agulha.

No seculo XVII surgiu o que chamamos genero "verdura": sobrecarga de folhagens, muito decorativa. O agrupamento artistico dos tons veiu influenciado por Poussin e Le Brun, ambos da França.

A tapeçaria de agulha adoptou, então, o estylo dos Gobelins ou das peças compostas em Florença, com o mesmo aspecto nobre dos ricos mobiliarios Luiz XII e Rei-Sol: bouquets bem grandes, com flores enormes, desenhos carregados cobrindo inteiramente o "canevas".

Na epoca Luiz XV o bordado tornou-se gracioso, leve, entremeado de guirlandas de flores. Novos generos surgiram: o camapheu chinez, os motivos allegoricos; cadeiras e espaldares cobertos de pastoraes, de animaes; a elegancia de Boucher, emfim. A bordadeira rivalisava com os artistas de Beauvais. Na Italia, na Roma, em Napoles, em Turim, o mesmo systema; na Hespanha a primeira idéa de Goya suggere uma arte esplendidamente viva.

Após os delicados **bouquets** Luiz XVI, nos dias tristes da Revolução, a tapeçaria, passatempo aristocratico, cahiu em desfavor. Mas voltou á moda no Imperio.

Muito bonitas as de ponto meudo, nas quaes abelhas se misturavam a folhas de louro. No mobiliario os bordados em "canevas", com desenhos gregos e egypcios. Estudando essa epoca pode-se realizar "ensembles" interessantissimos.

O genero Luiz Philippe, que o centenario de 1830 poz em voga, apresentou pontos dobrados, em "canevas" Pènélope, flores bonitas, coloridos quentes. Fizeram-se, assim, quadros, cadeiras baixas, uma velharia que, entre o mobiliario moderno, é nota curiosa e agradavel.

Por isso tambem a gente de agora, a que prefere os moveis avoengos, tem a tapeçaria em optima conta. A que prefere o estylo de hoje, sempre se agrada de possuir qualquer objecto do passado.

Mobiliario de madeira esculpturada, no qual figuram armarios de madeira em bloco, arcas, "fauteuils" de alto aspaldar, ornam-se de "verduras", ou melhor ainda, das incomparaveis tapeçarias do seculo XV, de fundo vermelho, meio ponto.

As poltronas Luiz XVI, que adquirimos nos leilões, deverão ser forradas com tapeçarias na série das fabulas de La Fontaine, a menos que se não prefiram os camapheus de duas tonalidades, ou, simplesmente, guirlandas de flores delicadas num fundo creme, em pontos meudos.

## GULODICE

### AMEIXAS RECHEADAS

Escolhem-se ameixas pretas bem macias, abrem-se do lado, tiram-se-lhes os caroços. Faz-se massa com a mesma receita das balas de ovos, sendo, porém, a calda em ponto de fio forte, para que a massa fique consistente. Com a massa fazem-se pequenos rolos que se introduzem na abertura das ameixas, passam-se estas no assucar crystalizado, arruma-se o prato.

*Figura de 1499.*

*Porcellana japoneza — Vaso decorado a côres e ouro rubro, datando de 1603.*

## CANCIONEIRO JAPONEZ

**Humberto de Campos**

(DE ISURAKI)

Sobre a veiga da montanha
Ouve-se um doce lamento,
Uma queixa suave e extranha;
E' a folha do arbusto, presa
Que chora, ao sôpro do vento,
Por não ir na correnteza...

(DE AÇAYAÇU)

O vento, embalando o galho
Sem cuidado nem meiguice,
Das folhas sacóde o orvalho,
Que lembra, na iriada quéda,
Um collar enfiado em seda
Cujo cordão se partisse...

## PEQUENOS CONSELHOS

**Almofadas** — A moda ordena que as mais modernas sejam feitas de setim côr de cereja, bordadas a ouro ou prata.

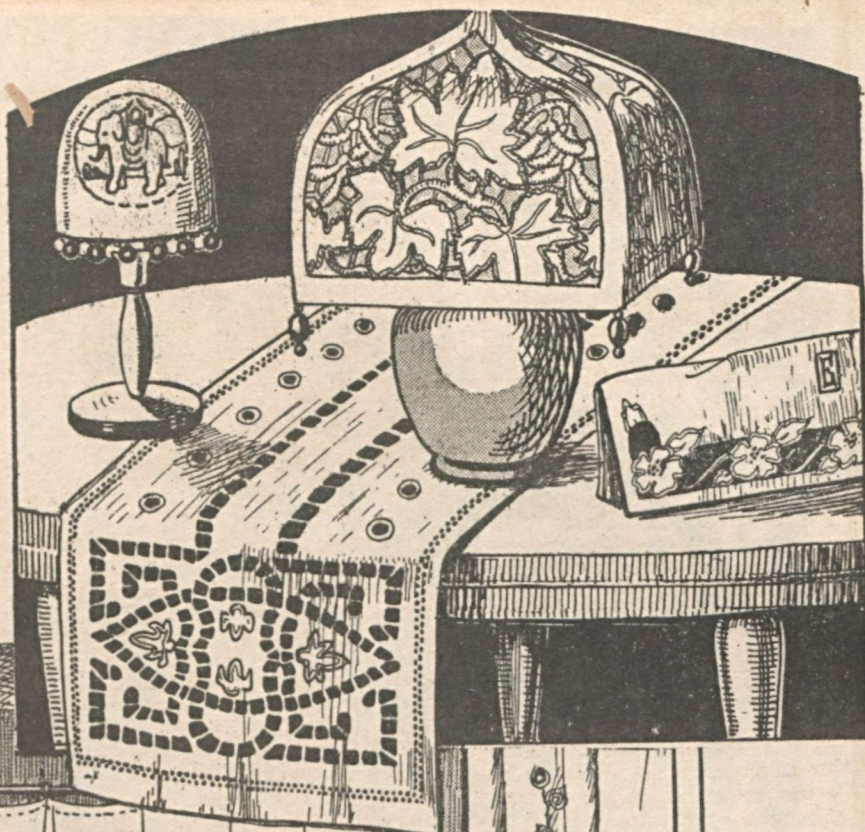
* * *

**O metal chromado está na moda** — Os objectos que guarnecem as mulheres ("clips", broches, pulseiras) é que suggeriram outros, para o lar, de bonito effeito num aposento encortinado de velludo sombrio.

* * *

Uma originalidade, sem duvida, consiste em "florir" os altos vasos de crystal ou de louça, que têm o chão por base, com plumas de avestruz, pennas de faisão, de pavão e de ave do paraiso.

# Decoração da casa

Quarto de dormir guarnecido de cortinas de *taffetas* verde agua bordadas com applicações de *taffetas* verde médio e folhas verde escuro, de velludo; *fond de lit* de organdy branco bordado á Richelieu, forro de *taffetas* verde agua.

ROUPA DE "BÊBÊ"

O vestidinho e camisa de pagão talhados em cambraia de linho branco, bordado a linha brilhante azul doce, renda de "crochet" na beira da gola e das mangas.

# "Lingerie" elegante

Combinação de crêpe da China rosa guarnecida de entremeios de renda Racine.

Combinação de crêpe setim azul pastel enfeitada de crêpe setim rosa esmaecido.

Combinação de crêpe da China amarelo fraco, enfeite de renda Racine.

Camisas-calça de crêpe da China guarnecidas de entremeio de renda Valenciana "ocre".

# BLUSAS

Blusas talhadas em "lamé" ou crêpe-setim para de tarde.

# Para os bailes do Carnaval

## Modelos das Estrellas do Cinema

Margaret Lindsey (Warner Bros)
Com um casaco novo, para complemento de vestido de noite.

Bette Davis (W. BROS) Tunica de lantejoulas pretas.

Ainda Margaret Lindsay.

Vestida de crêpe branco e de velludo da mesma côr.

# COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Apresentamos ás nossas leitoras alguns **stills** de Fay Wray na alta comedia da Columbia Pictures **Mills of the Gods,** que o Rio verá nesta temporada. São alguns flagrantes bem expressivos da elegancia ainda estival.

A tempo, publicaremos sensacionaes modelos de meia- estação, que essa **estrella** lança na referida producção.

# NOIVA

O vestido de "lamé" prateado, saia alta, terminando em pontas, blusa apenas adornada de duas bandas franzidas do mesmo panno.

As pequenitas vestem: "faille" azul doce e velludo azul tambem.

O véo de seda preso numa torsade de *lamé* prata.

## TATUAGEM THERAPEUTICA

DR. PIRES

*(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)*

Dia a dia augmentam os recursos therapeuticos de que podemos lançar mão em esthetica. A tatuagem, por exemplo, é uma das maiores conquistas dessa nova especialidade. Ao lado da tatuagem de esthetica pura, para colorir permanentemente em vermelho os labios, em rosa a face ou para fazer signaes de belleza, ha ainda a tatuagem que se faz com o fim de pintar as superficies achromicas.

Consiste a technica em introduzir na pelle grãos coloridos insoluveis, como por exemplo, tinta da China para o negro, oxydo de ferro para o vermelho, oxydo branco de antimonio para o branco, etc. (Dufourmentel).

Os resultados da tatuagem são bons, mas é preciso que se tenha muito cuidado na technica, sendo preferivel ter que repetir a applicação do que fazer uma côr muito escura. E' bem difficil clarear uma superficie tatuada.

Nos casos de tatuagem definitiva, como labios, sobrancelhas, signaes de belleza, etc., ha uma questão importante a resolver: caso os caprichos da moda venham exigir colorações pallidas é impossivel modificar a superficie tratada.

O modo pelo qual se faz a tatuagem é relativamente simples e a applicação pouco dolorosa. Ha agulhas especiaes para esse mistér sendo preferiveis as que não sejam muito estreitas nem muito grossas.

### UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao **Dr. Pires** — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

*Nome* ....................

*Rua* ....................

*Cidade* ....................

*Estado* ....................

## Conselho ás senhoras de meia edade

Se a vida ensina qualquer cousa, então, é, certamente, trazido á conclusão, que a mulher de meia edade sabe que não tem cabimento enganar-se a si propria. Ella não ignora como se apresenta e percebe os defeitos de sua belleza. Ella não póde usar qualquer futilidade da juventude nem póde enfeitar-se com fantasias.

Não precisa, entretanto, assumir um caracter muito austero, usar vestidos escuros, porém, deve lembrar-se que fingindo-se infantil, torna-se ridicula e apparece mais velha.

Muitas vezes, na senhora de 50 annos, a complexão perdeu a frescura da rosa chá, este tom rosado e de creme que representa a juventude. A pelle, mesmo se de textura delicada, toma, quasi sempre, um tom mais sombreado. Neste caso, uma camada leve de tom rosa claro nas bochechas é uma correcção, e um toque delicado de pintura nos labios não será demasiado para ella.

HELEN FOLLET

## CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 54.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL

*Dolores* — Rua Uruguay, 324, casa III.
*Oswaldo Leite* — Caixa Postal, 1.991.

SÃO PAULO

*Helio Nunes* — Rua Cel. Joaquim Alves, 26 — Batataes.
*Pedro Cunha* — Praça da Sé, 9 — S. Paulo.
*K. Tita* — Rua Engº. Penido, 84 — Cruzeiro.

SANTA CATHARINA

*Coracy Pires* — Lages

MATTO GROSSO

*Dacio L. Cunha* — Rio Hotel — Campo Grande.

ESPIRITO SANTO

*Zilda Sobrinho* — Villa Velha.

CEARA'

*Mario Catão* — Rua M. Facundo, 657 — Fortaleza.

RIO G. DO SUL

*Luiz Gonzaga Cardoz* — Jaguarão.

*A solução exacta da 54ª carta enigmatica.*

"VELHA PAGINA

Tem pena de mim; tem pena,
De alma tão fraca. Como hade
Minha alma que é tão pequena
Poder com tanta saudade?
Do saudoso
*Olavo Bilac*".



### Fóra da linha!

F., 70 annos, cahiu á linha, quando tentava tomar um trem em movimento.
(Dos jornaes)

Em que paiz já se viu
Alguem de "avançada" edade
Querer "apanhar" um trem
A toda velocidade?

Que um fadelho isso fizesse,
Eu cá não diria nada,
Pois a creança se encontra
Inda bastante "atrazada".
*Dabriel*



## CARTA ENIGMATICA

As soluções da interessante carta enigmatica que hoje apresentamos aos nossos leitores devem ser enviadas a esta redacção — Travessa do Ouvidor, 34, Rio, até o dia 30 de Março, data do encerramento deste torneio. Dez magnificos premios serão distribuidos em sorteio entre os concorrentes que nos enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo, devidamente preenchidos os claros.

Na edição d'O MALHO do dia 11 de Abril apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção.

CARTA ENIG[...]

Coupon n. [...]

*Nome ou pseudonymo* .. .. .. .. ..

.. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

*Residencia* .. .. .. .. ..

.. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

## UMA ESCOLA DE CLOWNS

Em breve será fundada, em Moscou, uma escola de clowns. Vae ser installada num circo. Os alumnos deverão apresentar certificados de edade (de 15 a 18 annos) e de boa conducta e attestados da Saude Publica. O ensino comprehenderá farças ageis, acrobacias grotescas, exercicios de equilibrio, arte de contar anecdotas e de fazer espirito.

MENSARIO DE GRANDE FORMATO EDITADO PELA SOC. A. O MALHO

Conterá, em cada numero, uma synthese brilhante da vida nacional, com os seus grandes problemas e os seus factos mais transcendentes, focalisados pelos maiores nomes da nossa litteratura, arte, sciencia, economia, politica e finanças.

BREVEMENTE

HELMUT